

ANO IX
1950
2876
PREÇO \$80

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
4.ª (1950)
4
Outubro



Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones: 23261/2/3 — Telegramas: «Popular»

RELAÇÕES PENINSULARES NÃO SOMOS DE MAIS NA EUROPA E NAS AMÉRICAS PARA CONSTRUIR A DEFESA COMUM DA CULTURA OCIDENTAL

— afirmou o prof. Doutor Paulo Cunha
Ministro dos Negócios Estrangeiros, no banquete
em honra das individualidades oficiais espanholas



O sr. prof. dr. Paulo Cunha com o Embaixador de Espanha e outras altas personalidades do país vizinho no Palácio Nacional de Sintra

Em honra das altas individualidades que constituem a representação nacional da Espanha às Comemorações do IV Centenário de S. João de Deus, o Ministro dos Negócios Estrangeiros português, sr. prof. dr. Paulo Cunha, ofereceu hoje um almoço, no Palácio Nacional de Sintra.

O banquete realizou-se na Sala dos Cisnes, presidindo aquele membro do Governo.

A sua direita, sentaram-se os srs. D. Esteban Bilbao, presidente das Cortes de Espanha; dr. Trigo de Negreiros, Ministro do Interior português; governador civil de Granada; D. Miguel Pereira Coutinho, governador militar de Lisboa; D. Mariano Tullgöller; dr. Correia de Barros; director geral dos Negócios Económicos e Consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros; D. Roberto Reis Morales; e coronel Monteiro Libório, comandante da P. S. P. de Lisboa; e, à esquerda os srs. prof. dr. Marcelo Caetano, presidente da Câmara Corporativa; D. Raimundo Fernandez Cuesta, Ministro da Justiça de Espanha; prof. dr. Carneiro Pacheco, Embaixador de Portugal em Madrid; alcaide de Granada; e D. Rafael Fornis y Quadra.

Em frente, sentava-se o sr. dr. Albino dos Reis Junior, presidente da Assembleia Nacional, que tinha à direita os srs. D. Nicolau Franco, Embaixador da Espanha; prof. dr. Cavaleiro de Figueira, Ministro da Justiça português; presidente da Deputação Provincial de Granada; D. José Palanca Martinez Fortun; capitão Agostinho Lourenço, director da P. I. D. E.; e, à esquerda, os srs. D. Blas Perez Gonzalez, Ministro da Governação de Espanha; Conde de Fovar, secretário geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros; D. Manuel Martinez de Tena; eng. Carlos Santos, presidente do Município de Sintra; D. Francisco Aylagas; e dr. Vasco Pereira da Cunha.

ESTE NUMERO
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS FORAM ASSINALADAS POR DISTÚRBIOS em Alagoas e Minas Gerais

RIO DE JANEIRO, 4. — O dia de ontem não foi feriado porque não se obteve «quorum» no Senado, ao proceder-se à votação do decreto que privilegia a essa disposição. No entanto, as autoridades regionais declararam dias feriado nas respectivas jurisdições, para que todos os eleitores pudessem exercer o direito de voto. A votação terminou ontem às 17 horas locais, e hoje iniciam-se as operações de contagem dos votos.

Durante um combate travado no interior do Estado de Alagoas morreram 4 pessoas e ficou ferido um senador federal. A troca de tiros registou-se quando partidários do candidato presidencial do Partido Trabalhista Getulio Vargas tiveram um encontro com membros do Partido

(Continua na 9.ª pág.)

CHEGARAM HOJE A LISBOA AS RELÍQUIAS DE S. JOÃO DE DEUS

A hora do nosso jornal entrar na máquina, estão a chegar a Lisboa as Relíquias de S. João de Deus, que, às 11 horas da manhã, saíram de Montemor-o-Novo. Da igreja matriz daquela vila, as Relíquias foram processionalmente transportadas para o Hospital Infantil de S. João de Deus. O cortejo religioso fez uma paragem quando passava em frente do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, onde foi descerada uma lápida em pedra, colocada à direita da porta principal do edifício, com a seguinte legenda:

«VI FORMAR-SE O EXÉRCITO DA COREIA DO NORTE»—3 QUANDO OS COREANOS AINDA NÃO SABIAM MANOBRAR TANQUES MAS POSSUÍAM JÁ UMA EXCELENTE INFANTARIA ADMIRADA PELOS RUSSOS OU O VALOR EXCEPCIONAL DA BRILHANTE VITÓRIA NORTE-AMERICANA

PELO CORONEL
CYRIL KALINOV
EX-OFFICIAL DO ESTADO-MAIOR
SOVIETICO
EXCLUSIVO EM PORTUGAL
DO DIÁRIO POPULAR

A coreânica decorreu numa estreita cabina que apenas tinha de notável um lindíssimo pano que cobria a mesa em volta da qual nos sentámos. Como os generais coreanos —

tal como o seu colega chinês Ma Ling Dao — falavam bem o russo, pudemos dispensar o intérprete, e as conversações faziam-se depressa. Koubanov falou em primeiro lugar e fez uma breve exposição explicando o objectivo da nossa missão e a forma como tencionávamos realizá-la. Acrescentou que desejávamos passar em revista as unidades coreanas que tinham combatido na China e se encontravam naquele momento na Manchuria.

Respondeu-lhe o general Ling Dao. As unidades norte-coreanas encontravam-se, efectivamente, na Manchuria, mas não podiam ser dispensadas antes de Março de 1949. A Manchuria — explicou — precisava ainda de ser limpa dos destacamentos nacionalistas que ali se encontravam. A nossa delegação opôs-se a essa demora, porque o exército norte-coreano devia ficar organizado mais rapidamente possível.

(Continua na 7.ª pág.)

«Após quatro séculos, voltou a sua terra S. João de Deus, grande apóstolo dos Hospitais, 1550-1950».

O provedor da Misericórdia local, sr. dr. Alfredo Maria Paçol, fez uma alocução sobre a obra grandiosa do Santo montemorense. Efectuou-se em seguida, a cerimónia do lançamento das primeiras pedras do novo pavilhão do Hospital Infantil e da nova igreja, tendo sido cantada missa, na capela provisória do novo Hospital.

Ontem, à tarde e à noite, a banda da Guarda Nacional Republicana, deu dois concertos no Jardim Municipal, que muito agradaram. No alto do Castelo, ontem, cerca da meia-noite, foi queimado vistoso fogo de artifício. Os Bombeiros Voluntários que montaram no Castelo, os seus serviços, apagaram numerosos focos de incêndios provocados pelo fogo de artifício, tendo havido, felizmente, desastres pessoais nem materiais.

Uma das ruas de Vendas Novas passou a ter o nome do Santo português

A chegada do cortejo a Vendas Novas — eram 11 e 30 — despertou grande entusiasmo. A ribandinha vila vestiu as suas melhores galas para receber as sagradas Relíquias. Havia por toda a parte bandeiras e colgaduras e o comércio e as fábricas locais encerraram as suas portas. Ao longo das ruas, atapetadas de verdura, viram-se milhares de pessoas que aguardavam com ansiedade a passagem do carro descoberto, com as Relíquias.

As autoridades locais, militares e civis, encontravam-se junto do Hospital da Misericórdia, onde se ergulam dois arcos monumentais. Num trono, estavam sentados quatro pobres, em homenagem singela a'quele que le-

(Continua na 10.ª pág.)

(Continua na 12.ª pág.)

(Continua na 10.ª pág.)



Quando da cerimónia da entrega da Gra-Cruz da Legião de Honra a Mac Arthur, a esposa deste explica a seu filho a alta distinção que o pai acaba de receber

A VIDA ÍNTIMA E SENTIMENTAL DE MAC ARTHUR

E' bem conhecida a gloriosa carreira militar de Mac Arthur, o vencedor do Japão e da agressão comunista na Coreia. Mas até à publicação recente de uma biografia do grande cabo de guerra, por Cornelius Ryan e Frank Kelly, nada se sabia sobre a sua vida íntima e sentimental que, como vai ver-se, é também fértil em aventuras.

DEPOIS DAS NOVE

VARIÉDADES
 HOJE, em 2 Sessões 2
 As 20,45 e 23 horas
 Retumbante triunfo da Grande Companhia Brasileira de Comédia, que apresenta, pela 1.ª vez em Portugal, em palco giratório, o romance de figuras em 3 actos
«A CANÇÃO DA FELICIDADE»
 com Alma Flora, Itala Ferreira e um formidável elenco

TRINDADE
 As 21,45
 2.ª SEMANA da comédia em 3 actos original de MANUEL FRAGOSO
«A PRIMA EUGENIA»
 O clamoroso êxito da Companhia de ASSIS PACHECO

MARIA VICTORIA
 HOJE
 Em 2 SESSÕES 2
 As 20,45 e 23 horas
 Êxito retumbante da comédia de gargalhadas
«UM MARIDO SOLTEIRO»
 com Laura Alves, Eugénio Salvador, Santos Carvalho

OPERA PALACIO
 As 21,30
 Um sensacional programa duplo
«INTERMEZZO», com Ingrid Bergman e Leslie Howard; e **«SENTE-CONTRE UM ASSASSINO»**, com James Mason

TIVOLI
 As 21,30
 A superprodução
«A VENUS DA PRAIA»
 com Virginia Mayo, Ronald Reagan e Eddie Bracken

SÃO LUIZ
 As 20,30
 O grande filme em Technicolor
«É tudo o vento levou»
 com Vivian Leigh e Clark Gable
 Antes de Outubro de 1951, não tornará a ser exibido em Lisboa

SÃO JORGE
 As 15 - 18 e 21,30
 EM 2.ª SEMANA O monumental filme português
«FREI LUIS DE SOUSA»
 A obra-prima de Almeida Garrett
 com Maria Sampalo, Italo de Carvalho, Barreto Pereira, Maria Dulce, etc.
 No PALCO: Gerald Shaw em órgão de cinema
 (Refrigeração: temperatura 22ª)

CONDES
 As 21,30
 Grande êxito de gargalhadas
«OS TRÊS MOSQUITEIROS»
 com o famoso cómico CANTINFELAS

EDEN
 As 21,30
 Um filme Paramount de grande classe
«O caso das joias Bennett»
 com Dorothy Lamour, Dan Dureya e Sterling Hayden

POLITEAMA
 As 21,30
 Despedida dos dois grandes êxitos:
 Na tela:
«A ESQUINA DA VIDA»
 com John Mills, Martha Scott e Patricia Roc
 No palco: A triunfal atracção **THE NICHOLAS BROTHERS** nos seus alucinantes bailados acrobáticos. Aplausos frenéticos!
 A sala tem renovação e refrigeração de ar. Temp.: 22ª

CAPITÓLIO
 As 21,30
 O grandioso filme em technicolor
«Aventuras do Príncipe Charlie»
 com David Niven e Margaret Leighton
TERRAÇO — Hoje, às 21,30
«Capitão de Castela», com Tyrone Power; e **«Crime nas Antilhas»**, com Sheila Ryan

REX
 As 21,30
«OLHOS NA NOITE», com MONSIEUR BEAU-CAIRE

A ESTREIA DE ONTEM
CAPITÓLIO — «As aventuras do Príncipe Charlie»
 Um filme em technicolor, cujo entreecho foi extraído de um dos capítulos mais emotivos da História da velha Escócia. Conta-nos as aventuras de que foi protagonista o príncipe Charlie, filho do rei Jaime II, nas suas tentativas para repor no trono de Inglaterra a dinastia dos Stuarts. A acção decorre num ritmo lento, mas o filme impõe-se pela sua realização e pelo desempenho, em que intervêm um casto de excelentes artistas, no qual se distinguem David Niven, Margaret Leighton, Morland Graham e Judy Campbell. De salientar, entre outras qualidades que sobressaem em «As aventuras do Príncipe Charlie», a excelente movimentação das massas de figurantes e um trecho de uma batalha em que os partidários dos Stuarts destroçam o exército do rei usurpador.
 Completa o programa um jornal de (Continua na 3.ª pág.)

KINAX
 A MAIS BELA MÁQUINA DE FOLE NO FORMATO 6x9 cm.
 O encanto de todos os amadores fotográficos.
 Diversos modelos e acessórios.
 Preço moderado.
 A VENDA MAIS BOA CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

DANCING DE LUXO **ARCADIA** **VARIÉDADES**
 AS 9,30 E 2,15

TRIO BARSÍ
 ATRACÇÃO HUNGARA DE CLASSE INTERNACIONAL
 ÊXITO FORMIDÁVEL

BALLET HELIOS
 CONJUNTO ARTÍSTICO DE ÊXITO GRANDIOSO

MARY MELY — ROSA ESTRELLA — OLGA MIRANDA
 PERLA LEVANTE — MARY ARILLA — MARISSA MAR
 ANA MARIA — PÉPITA ALBA — MARIA HELENA LLADOS

2 Orquestras NOCTURNOS e ARCADIA



GRANDES ECONOMIAS NOS TRANSPORTES DA TWA PARA NOVA IORQUE

- Economise até 13% na sua viagem à América e volta, utilizando os preços reduzidos da TWA que agora entram em vigor.
- A TWA oferece 60 viagens semanais através do Atlântico em luxuosos transportes aéreos mundialmente comprovados.

AMÉRICA
 6 voos semanais 22 horas

ROMA
 6 voos semanais 6 horas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A TWA
 Praça dos Restauradores, 6
 Telef. 21093, 21389

Pode confiar na **TWA**
 TRANS WORLD AIRLINES
 U.S.A. - EUROPE - AFRICA - ASIA

ODÉON HOJE — ESTREIA
 COMPANHIA HERMINIA SILVA
 NA COMÉDIA MUSICADA
HISTÓRIA DUMA FADISTA

SESSOES VERMUTAS COM THEATRO
 AS 19,30

CASINO ESTORIL
I EXPOSIÇÃO ELEGANTE DE AUTOMÓVEIS
 UM «FLOOR SHOW» sob a direcção artística de Erico Braga
PAUL BERNY
 o homem da raquette mágica

BALLET CIMARRO
 2 ORQUESTRAS:
ALMEIDA CRUZ
 e os **ASES DO RITMO**
 com o «entraîneur» **Tobias**

No «WONDER-BAR» e «YACHT-CLUB» jantares «à la carte»
 PREÇOS:
 No Salão Restaurante: entrada livre
 No Wonder Bar e Yacht Club: consumo mínimo 2500

CASA NOVA, ROMEU, DON JUAN, TODOS PODIAM RECEBER LIÇÕES DO IMPAGAVEL



BOB HOPE
 O REI DOS CONQUISTADORES!

RHONDA FLEMING
 A NOVA JULIETA

o Grande Tenório

QUE PERFIL!
 As mulheres a seus pés...
 Os homens a seu lado...
 E depois temos...
 ...RISO.

GARGALHADAS!
RISO E MAIS RISO!

COM ROLAND YOUNG · CULVER
 RICHARD GARY LYON · GRAY
 Produzido por EDMUND BELTON
 Realizador ALEXANDER HALL
 Argumentos de Edmund Belton, Melville Shavelson e Jack Rose

TODO O MUNDO ama o ri com este insuperável tenório!

UM FILME 100% BOB HOPE

OUÇA AS CANÇÕES { SOMOS AFORTUNADOS MIL VIOLINOS

VAI VIAJAR?
 CONSULTE OS SEUS SERVIÇOS PARA QUALQUER DESTINO E AO PREÇO DAS COMPANHIAS AEREAS

TELEFONES: 32294/29471
 RUA CAPELO, 4-A
CASA ATLANTICA DE VIAGENS

CASINO ESTORIL
 As 21,30
«LOLA, A CANTADORA CIGANA»
 com Manuel Luna e Juanita Reina

LUSO
 HOJE: NOITE POPULAR
 Animador: FILIPE PINTO
 FADOS CASTIÇOS por Fernando Farinha, Maria José da Gula, Julio Peres, Estela Alves, Armando Dias e Teresa Nunes. SOLOS por Camarinhas e Pais da Silva. AS 11 HORAS: DESGARRADA NO FADO MENOR
 O LUSO E O SALAO DE MAIS AMBIENTE CASTIÇO

SALVATERRA
 Animador: JULIO PERES
 HOJE — CANÇÕES por Noémia Cristina. FADOS por José Pereira, Alice Margina, Joaquim Geraldes, Fernanda Edília e Tristão da Silva.
 A Guitarra, Adetino dos Santos à Viola, Castro Mota
 ENTRADA 2 5 5 0

PEQUENO CAETAZ
COLISEU DOS RECREIOS — As 21,30 — Companhia de Circo.
OLIMPIA — «Oito desaparecidas».
CINEARTE — «Joana d'Arc».
EUROPA — «Cantiga da rua».
PARIS — «O laço dos sonhos».
IMPERIAL — «Assassinos».
LYS — «Aquele bojo à meia-noite».
TERRASSE — «O Professor de Música».
ROYAL — «Cantiga da Rua».
MAX — «Mandado da loucura».
PALATINO — «Abbot e Costello em Africa».
PROMOTORA — «A minha mãe é calvoira».
JARDEM CINEMA — «A carga da Brigada Ligeira».

SEXTA-FEIRA, no EDEN É UM FILME PARAMOUNT DA TEMPORADA «COLHEITA DOURADA»

FEIRA POPULAR DE LISBOA

Devido ao grande êxito ontem obtido, repetição de

HOJE DIA 4 «NOITE GALAICA» 4.ª FEIRA 22,15

COROS E DANÇAS DA SECÇÃO FEMININA DA FALANGE ESPANHOLA (PROVINCIA DE PONTEVEDRA)
DANÇAS E CANÇÕES CARACTERÍSTICAS — CAITEIROS

PARA OS POBRES DE LISBOA

DEPOIS DAS NOITES

(Continuação da 2.ª pág.)
actualidades mundiais com algumas imagens portuguesas. — M. G. R.

TAVEZ VOCÊ NÃO SAIBA Que os representantes da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, no Congresso Internacional de Autores Teatrais, que se realiza em Madrid, seção o escritor Felix Bermudes e o maestro-compositor Raul Ferrão.

— Que se realiza amanhã, às 18 e 30, no Politeama, uma festa em que colaboram os artistas Hortense Luz, Maria da Graça, Maria de Lourdes, Maria Adalgisa, Eugénia Lima (acordeonista), António Silva, Ody Odillon, Orlando Settimelli, Luis Horta, o coro e a orquestra ligeira da Emissora Nacional.

— Que a revista «Sempre em festa», que entra em ensaios no Teatro Variedades no próximo dia 9, deverá subir à cena na primeira quinzena de Novembro.

— Que o guarda-roupa da revista «Quando houver Santo António», que

entrou em ensaios de maracão no Teatro Apolo, será executado nas oficinas de Anahory.

— Que a Companhia Brasileira de Comédia dará espectáculos no Teatro Variedades, a partir do dia 30 de Outubro.

— Que o argumento do filme «O Grande Elias» é francês, os diálogos são da autoria do escritor João Bastos e os versos foram canções foram escritos pelo poeta Silva Tavares.

— Que o tenor Luis Picarica, que em breve parte para França, contratado como primeira figura de uma Companhia de ópera, desempenhará na peça de estreia o papel de um toureiro.

ESTA NOITE HA FESTAS Na Sociedade União Parentense, às 21 e 30, apresentação da revista «Vivinha de Cascais», pelo Grupo Cénico de Cascais.

AMANHÃ HA FESTAS No Lisboa Clube Rio de Janeiro, baile, às 21, com o conjunto musical «Os diabos do Céu»; na Academia Recreio Artístico, baile, às 22, com a orquestra «A Vie en Rose»; na Sociedade União Parentense, às 21 e 30, recita com a revista «Vivinha de Cascais».

ESTA NOITE PODE CORAL EMISSORA — As 18 e 30; Danças; às 21 e 30; Notícias; às 19 e 16; Música coral sinfónica; às 19 e 30; Meta hora brasileira, programa organizado pela secção brasileira do S. N. J.; às 20; O caso do dia; transmissão dos discursos proferidos durante o almoço oferecido pelo Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros no Palácio Nacional de Sintra; às 20 e 18; Solos de instrumentos; às 20 e 35; Noticiário regional; às 20 e 35; Canções; às 20 e 50; Valsas; às 21; Notícias; Desdobramento — A's 21 e 18; Música de tecla; às 21 e 30; Trechos de óperas; às 21 e 45; Orquestras do Mundo; às 22 e 45; História de Portugal, pelo prof. dr. Damião Peres; às 23; Canções; às 23 e 20; Música de câmara; às 23 e 50; Resumo noticioso; Boletim Meteorológico; às 0; Enceramento, Programa B; A's 21 e 15; Fados e guitarradas; às 21 e 30; Canções; às 21 e 45; A voz da cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22; Música ligeira sinfónica; às 22 e 30; Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 45; Variedades em discos; às 23; Música de salão; às 23 e 25; Danças; às 23 e 50; Junção dos emissores.

RADIO CLUBE PORTUGUÊS — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Tino Rossi, Anna Sibelius, Edith Piaf, etc.; às 20: Música portuguesa, por Maria Sidónio, Fernanda Remartinez, Alberto Ribeiro, Cidália Melreles, etc.; às 20 e 45: Condições; às 21: Passatempo, A, B, A, etc.; Trechos recreativos; às 22 e 30: Concerto sinfónico, com «Petrouchka», de Igor Stravinsky; às 23: Música de danças; às 23 e 45: Rádio-jornal e amanhã; às 0; Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Estação do Porto — A's 18: Abertura e boletim religioso; às 18 e 5: Melodia de abertura; às 18 e 10: Melodias para piano; às 18 e 30: Selecções musicais; às 18 e 45: Folclore nacional; às 19: Música de concerto; às 19 e 30: Informações. Estações de Lisboa e Porto — A's 19 e 30: Abertura e boletim religioso; às 19 e 35: Aperitivo para o seu jantar; às 20: Música brasileira; às 20 e 15: Canções; às 20 e 30; 1.º noticiário; às 20 e 40: Música portuguesa; às 21: Orquestras ligeiras; às 21 e 15: Música

TOIROS EM SANTARÉM 8 DE OUTUBRO



Ultimo mano a mano desta época, dos grandes matadores portugueses

DIAMANTINO VIZEU

MANUEL DOS SANTOS

glória do Toureiro Nacional CAVALIERS

SIMÃO e NUNCIO

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

Toiros de JOSÉ INFANTE DA CAMARA

Sofre de ardores no estômago?



Os ardores de estômago, a indigestão e outras indisposições do mesmo género são frequentemente causados por excesso de ácido no estômago. A MAGNÉSIA BISURADA "alivia a dor depressa. Isto porque a MAGNÉSIA "BISURADA" neutraliza o excesso de ácido, permitindo uma digestão fácil. Como ainda hoje MAGNÉSIA "BISURADA" e evita assim as dores de estômago.

DIGESTÃO ASSEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

A venda em todas as farmácias, em Pó e Comprimidos.

A maior loucura humana!

A travessia da morte, hoje, por Mestelrich, na grande companhia de circo do Coliseu. Amanhã, dia feriado, deslumbra «matinée». Só até domingo

A todo o publico se pede para que vá ao Coliseu, ver, na sensacional Companhia de Circo, Mestelrich, o violador do espaço, na sua alucinante travessia da morte — numa extensão de 65 metros, num fim cabo de aço, montado numa bicicleta, a qual a cada 10 segundos despenha por trapézios, dois acrobatas em evoluções. Mestelrich volta de costas, a fazer o mesmo trajecto, sem as mãos no guidão. Veja esta loucura! Todas as atrações da Companhia de Circo! Amanhã, dia feriado, deslumbra «matinée», às 10 horas, e a noite, às 21,30. A Companhia despacha-se domingo.

Inglês - Francês - Alemão

Estrangeira muito culta ensina com brio e competência. T. 4640, Rua S. Sebastião da Pedreira, 21, 2.º.

escolhida; às 21 e 30: Ópereta e zarzuela; às 22: Eventual; às 22 e 15; 2.º noticiário; às 22 e 30: Fecho da estação do Porto, Estações de Lisboa — A's 22 e 25; Boletim religioso; às 22 e 30; «Alvorada Juvenil»; às 23: Música de concerto; às 23 e 20: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

O FILME «CAMÕES» EXIBIDO EM PARIS

PARIS, 4 — Foi exibido a noite passada o filme português «Camões», com a assistência de muitas personalidades portuguesas e brasileiras residentes na capital francesa. Esteve entre os assistentes o actor António Vilar, que desempenhou o principal papel da película.

António Vilar veio há pouco de Espanha, onde trabalhou no filme «Don Juan», e está neste momento a filmar em Paris, desempenhando um papel no filme «Bel Amour». — (F. P.).

SOCIEDADE INSTRUÇÃO MUSICAL E ESCOLAR CRUZ QUEBRADENSE

A Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz Quebradense comemora no próximo domingo, 7 de Outubro, o aniversário da sua fundação e o 25.º da criação da sua escola primária. A's 16 horas, realiza-se uma sessão solene, em que usará a palavra delegados de vários municípios, sendo a descer a Lérida na «Sala António da Cunha Flores, um dos pioneiros dos grupos recreativos. A' noite haverá baile brindilhado pelo Conjunto Musical «Rex».

FESTA A FAVOR DAS VITIMAS DE UM INCENDIO

Na Liga Regional Cojense, realizam-se amanhã, e no dia 14 do corrente, dois espectáculos a favor dos vitimados do incendio no Hospício de S. Bernardino que ali perderam os seus haveres. Tomam parte nos espectáculos, que constam de acto de variedades e baile, vários artistas e amadore e o Primeiro Conjunto Musical «Os Gloriosos».

CAFÉ PORTUGAL

O S S I O é já no próximo dia 1.º que apresenta na sua CAVE mais um delicioso petisco

«CALDEIRADA A MODA DAS PÉDREIRAS»

AMANHÃ AO ALMOÇO: Bifes à «Escandinavo»

LIVROS DE ESTUDO

Novos e usados, vende, troca, compra a Académica de D. Felipa. Livraria do Bairro Social, entre o Liceu e a Estatística. Vende todos os artigos de papelaria. Brindes aos compradores.

«E TUDO O VENTO LEVOU»

UM FILME SEM PAR! UM EXITO ETERNO!

ENTROU NA 3.ª SEMANA DE EXIBIÇÃO NA OBSTANTE SER A 6.ª VEZ, EM 7 ANOS, QUE SE EXIBE NO SÃO LUIS!

«E tudo o vento levou» é um caso unico na história do cinema. Nenhum filme até hoje detem, tão impressionante recorde de permanência no cartaz, pois, em todo o Mundo, continua a ser exibido com o mesmo êxito do dia da estreia!

São raros os filmes á roda do ano que atinjam a 3.ª semana de exibição. Pois «E tudo o vento levou», não obstante ser a 6.ª vez, em 7 anos, que se exhibe no São Luis, conquistou por direito próprio, a permanência de 3 semanas no cartaz, pulverizando todos os «records» anteriores.

Tanto nas «matinéas» como nas noites, registam-se sucessivos êxitos e as multidões entusiasmadas acorrem ao São Luis com a certeza de ir ver o maior filme jamais produzido em 50 anos de cinema — e unico espectáculo que não morre e, muito pelo contrário...

Victoria Bar-Dancing

REABRE HOJE com a sua **ORQUESTRA e VOCALISTA**

Privativas no seu excelente repertório

INSTRUÇÃO

Ensino rápido em «Austinas». Lições e treinos a partir de 35900. Pontos escritos grátis. Eduardo P. Campos, Av. P. Alvarez Cabral, 24. Tel. 60070.

MAXIME

EXITO MONUMENTAL DA ESPANTOSA ATRACÇÃO

LES BINGSTERS

3 IRMAS-GEMEAS NUM GENERO NOVO DE MUSIC-HALL: CANÇÕES E BAILES ACROBATICOS

As maiores rivais das célebres «IRMAS ANDREWS»

A TRIUNFAL e DINAMICA **ORQUESTRA FERNANDO DE CARVALHO**

HOJE: GRANDE ESTREIA **KARINE STAEL**

Admirável bailarina em criações clássicas

MUSICA PELO Conjunto «FLAMINGO»

HERMANAS ORO-TELLO MARY SOL

JULITA MANJON — ROSA MARFIL — OFICINA DE MONTE-REY — ROSITA DORADO — MERCEDES FERNANDEZ — ISABELITA GUERRA

ESTREIA DO CONJUNTO MUSICAL **TROPICAL BOYS**

AMANHÃ: com o brilhante estilista ALFREDO LOPES

CRISTAL

As noites mais divertidas de Lisboa

COM AS MELHORES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS de que faz parte um maravilhoso programa

A NOTÁVEL ORQUESTRA CARAVANA

EM BREVE ESTREIA DA ORQUESTRA «EBAT» Uma grande originalidade

com os divos do acordeão PHARAN Y JOA

AMANHÃ MAIS UMA NOITE DE FESTA E ALEGRIA

HOJE, NO CAPITULO, O GRANDIOSO FILME EM TECNICOLOR

«AVENTURAS DO PRINCIPE CHARLIE»

A apresentação, ontem, em estreia, no Capitolo, da extraordinária super-produção colorida «Aventuras do Principe Charlie», constitui, sem duvida, um clamoroso acontecimento para o publico. O filme justifica-o amplamente, numa escala grandiosa de recursos, cuja conjugação, a cargo do notável realizador Anthony Kimma, espanta pelo fulgor e pelo dinamismo logrados na cinematização de uma história onde a técnica, o esplendor do quadro, a expressivo romantica que se desprende do recorte das personagens, o frenesi das massas no decorrer das batalhas, a riqueza da indumentária e a emoção das aventuras no mar e em terra formam um conjunto de subjugante interesse. O filme, sempre maravilhoso, desenvolvendo-se num ritmo de intenso expectativa, fascina, a cada passo, não apenas pelo esplendor da re-constituição das cortes de Jorge II e de Luis XV, mas, ainda, e sobretudo, pelo poder de vibração de uma sequência de episódios frescos de heroísmo e de galantaria, e através dos quais se evocam as mais deslumbrantes aventuras do príncipe Carlos Eduardo Stuart, filho do rei Jaime II, contra o rei Jorge II, pela conquista do throno de Inglaterra, a que seu pai tinha direito...

VIAFRANCA

AMANHÃ, ÀS 16 HORAS (5 de Outubro, feriado oficial)

ULTIMA CORRIDA DA FEIRA

o grande encontro nacional

SIMÃO e NUNCIO

e o estupendo mano a mano do momento

ARRUZA e DOS SANTOS

com 8 toiros de Claudio Moura (Solier)

Forçados de José da Vila de Vila Franca

Impontente espera de toiros às 10 horas

Bilhetes à venda até às 14 horas de hoje, nos Restaurantes, 7, em Lisboa e em Vila Franca hoje e amanhã nas bilheteiras da Praça de Toiros e do Largo da Estação

Pavilhão dos Desportos

Hoje, às 20,30 horas, festa da Sociedade Protectora dos Animais, dedicada às crianças de Lisboa e suas famílias, comemorando o dia de S. Francisco de Assis

PROGRAMA: Concerto pela Banda da Armada; Variedades de Palhaços; Filmes: «O Filho de Lassie» e outros educativos; Palestra pela distinta Professora de arte de dizer Anita Patriolo; Recitações pela insigne actriz Aura Abranches

ENTRADA LIVRE

SALA JÚLIA MENDES

PARQUE MAYER

Animador: Modesto Maia

Das 21 e 30 até de madrugada: FADOS e CANÇÕES com Quintia Gomes, Isabel Silva, Arlinda Vitória, Frutuoso França, António Mendes e o S da comididade Joaquim Cordeiro, Casimiro Frutuoso França Ramos e Miguel Ramos

N. B. — O bilhete para a Sala dá direito a entrar no Parque AMANHÃ, FERIADO, A «SOIRÉE»: GRANDIOSO PROGRAMA

MEIAS NYLON-DUPONT

todos os preços e qualidades

MEIA DE VITÓRIA

R. AUGUSTA, 158

DR. FERNANDES LOPES

RAIOS X

RETOMOU A CLINICA



de Vitorino Nemesio

FERNANDO PESSOA

Nunca agradeceremos bastante a João Gaspar Simões a fidelidade e o ardor da sua dedicação aos problemas da literatura contemporânea. A sua poderosa vocação de escritor, dividida entre a vontade de criar e a ansiedade de explicar e entender, resolveu-se numa carreira, já longa e brilhante, em que a contribuição do romancista, renovador da técnica nacional estagnada no realismo, não é menor, embora menos evidente, que a do ensaísta de maior alcance e sobre-tudo a sua denodada posição diante do fenómeno literário e a vasta obra em que investiga da sua natureza e modos, que o impõem como uma das consciências mais vigilantes, e, certamente, a mais abundante em frutos, do nosso meio intelectual. Desde os tempos juvenis da *Presença* e dos *Temas*, desde a ávida maturidade de *O Mistério da Poesia* à fase de plena posse da *Liberdade do Espírito* e da *Natureza e Função da Literatura*, a sua familiaridade com a cultura literária ganha um carácter de acção e um à-vontade singulares. Subindo da realidade literária nacional às suas fontes europeias, tentando as determinantes internas da nossa criação artística e pesquisando-lhe os estímulos e as correlações exteriores, a sua crítica caracteriza-se por um acentuado paralelismo de interpretação e doutrina, uma avidez de valorização explicada e conferida, que, se às vezes um certo dogmatismo, ou ardor pessoal que o parece, prejudica e cercela, sempre uma honestidade de radical e um saber vasto e actualizado o acompanham.

A poesia e o romance portugueses de há um século para cá devem-lhe do melhor da sua valorização e apuramento. Cercou as grandes individualidades líricas, para lhes apreender a mensagem, apresentou-as e inseriu-as no movimento poético europeu em que gravitam, seguiu-lhes a linha de influência e numa aplicação quotidiana que tem muito de heroico pela profusão e frequente pobreza da matéria e das fraquezas humanas que a acompanham e ciosamente a defendem, pesou, aferiu várias centenas de poetas que nem sempre al dele e dos seus, pôde chegar triunfais à última olimpíada... O mesmo fez com os ficários do romance, da novela e do conto, correndo o risco de vir a achar à maior parte deles a mesma cera nas suas.

Mas da abnegação do seu esforço dependem a maior parte dos vigores de interpretação e de iluminação experiência, fica sempre valioso e presente aos escritores novos o alerta estimativo que lhes aguçava a tensão e os amadurece e torna expectantes e reflexivos.

Da refraga da crítica aplicada, tão ingrata num meio pequeno e desabituado ao rigor, João Gaspar Simões fez a mais árdua e importante das operações de história literária de crítica em que o objecto, concluso no próprio processo e universalmente aceite pelo êxito e a influência positivos, já não dá margem ao miúdo ripostar, expresso ou apenas minaz, das sensibildades fletidas. Mas mesmo aí os perigos de carreira são múltiplos. E ainda agora, a propósito destes seus dois monumentais volumes sobre Fernando Pessoa (*História de uma Geração*) (1), como ainda ontem, a pretexto de um Eca de Queirós cheio de factos e vistas novas, não lhe faltam contradições do nosso ambiente publico de espectadores do «burro» literário, ao pé do qual o crítico faz sempre alternativamente, de o Velho e de o Rapaz...

Para fazer o dito certo, experimento, desde já, um pouco a posição do transeunte e digo isto: a consigna biográfica e histórico-generacional do Fernando Pessoa, de Simões não é, talvez, o que mais fielmente cumprido, nestas compactas e férteis acetentas páginas de quarto. Com efeito, João Gaspar Simões não é, quanto ao vigor caracterológico, tão bom biógrafo como romancista. Se a análise do carácter do biografado é

feita com escrupulosa minúcia de pontos de discríme e com farta cópia de dados e achegas documentais, propriamente o retrato, a focagem biográfica — integração de vivências e traços fisionómicos — é menos conseguida. O mesmo, portanto, acontece com a galeria de parceiros e comparas da vida do poeta e a tessitura pessoal da geração. Mas os elementos capitais para o desenho do mestre e dos discípulos, ou do chefe de grupo e da roda, não podem ser mais bem isolados e hermeneuticamente agrupados, do que João Gaspar Simões o faz neste precioso inventário.

A obra segue combinadamente o fio das vicissitudes pessoais do poeta e o das suas eventualidades literárias — o curso da vida privada civil, e o da vida de produção e publicidade, e a vida não escapou a Simões. O valor confessional destas palavras de Pessoa, com que o crítico epigrafa a sua obra: «De resto, a minha vida gira em torno da minha obra literária — boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário». Pessoa foi, com efeito, um homem que subsumiu a existência na representação, e não propriamente como o escritor estilista (Não! Não é estilista!), que vive na pira da sua obra, senão como um indivíduo que «representa» mais do que apresenta, ou mais da que actua. Daí, a indiferença predominante pela letra redonda, e a própria resignação às longas crises de pouso na arte de fabular, escrevendo.

Nada disto escapa à sagaz e original interpretação de Simões. A obra compreende doze partes de poucos capítulos de uma. O *Paraíso Perdido* vai do berço lisboeta do poeta, em 1888, até ao advento do «Intruso», o padrastrado, que sua mãe conheceu em 1894. E' o fundo estufado de uma infância de órfão de pai, precoce, que abre uma vida de solidário ao abrigo matrilial. «Educado no estrangeiro», na Africa do Sul inglesa, Pessoa acrescenta assim ao primeiro desarraigamento, um exílio colégio. Deslocado ao sabor das colocações consulares e licenças do padrastrado, a sua vida é, ao relente, em relação à nova família de sua mãe e dele mesmo. O espectáculo da avó paterna, alienada, oferece-lhe a talvez o espelho ampliado de tiques e inibições que o povoam a ele mesmo, ajudado-o, porventura, a objectivar a sua psique, como que desmontando-a e despersonalizando-se numa reconstrução lúdica e mistificante de personalidades heteronímicas: o *Chevalier de*

Pous, aos seis anos; Alberto Caetano, o «guardador de rebanhos», inventado em 1914 e um ano mais novo que ele; Ricardo Reis, poeta horaciano, em 1912; Alvaro de Campos, engenheiro; Bernardino Soares, guardi-livros; outros ainda. Pessoa vive forrado em aprendizagem das escolas inglesas, nas leituras e o meio anglicizante lhe oferece, no lar materno refeito e, de regresso a Lisboa, num cerco poéticamente antiquado e sedativo de tias do «menino da sua mãe». Simões aproveita, lucidamente, no esquema autobiográfico de Pessoa, a fixação da linha de alturas da sua vida, como a «primeira tentativa de naturalização», na chamada «Terceira Adolescência», ou seja, a lenta recuperação do seu ser português, nuns vinte anos espiritualmente adulterados, mas existencialmente atrassados. Pessoa embarca para a Africa aos oito anos, volta de visita aos treze, aos quinze faz a sua efémera e brilhante inscrição pela Universidade do Cabo, aos dezassete regressa, definitivamente, a Lisboa. E é no ano seguinte que, matriculado no Curso Superior de Letras e começado a relacionar com patriotas estudantes e literatos, faz a sua iniciação na cultura da língua natal.

Se o doutrinário estético e polifuro de ideação filosófica, o curioso das religiões, dos mitos e das idéias e as herméticas que coexistiram em Pessoa com um poeta de imaginação, também largamente pensada e nutrida de cultura, e se as suas primeiras leituras, exclusivamente inglesas, não chegam para explicar o contacto seguro com fontes de saber extra-literário, não creio que um nítido auto-didactismo garanta o à-vontade com que o poeta mostra mover-se, nas suas peças de polémica e de doutrina, com alguns sistemas filosóficos, e designadamente, a filosofia de Shelling e de Hegel, o segundo dos quais muitas vezes ele não faz mais do que parafrasear e converter em paradoxos e líricos arranjos dialécticos. Assim, parece-me que a passagem pelo Curso Superior de Letras, sobretudo pelas aulas de Silva Cordeiro, professor largamente informado e ouvido, devia ser mais aprofundada por João Gaspar Simões, embora a falta de alunos de Pessoa a esse magistério tenda a despistar, naturalmente, o historiador e o crítico.

Tão pouco me parece que o neo-classicismo latinizante de Garrett bastasse para dar ao Ricardo Reis de Fernando Pessoa o paradigma de *Odes*, tão puramente horacianas, que ou se haverão de fillar numa latin-

idade escolar do poeta, ou num contacto tardio com o próprio «lago da poesia» latina, quer travado directamente com Horácio, quer até ele levado pela tradição arcádica da poesia portuguesa setecentista e, nomeadamente, pelos seus excelentes tradutores portugueses, que Menéndez y Pelayo reconsoou. O génio linguístico de Pessoa, sem um trato efectivo e de primeira mão com os clássicos latinos, bem poderia ter assimilado ou refeito todo o aparato horaciano do verso — o mito, a sintaxe sábia e inversa, as imagens, a serenidade pagã, a filosofia de horácio... Ainda assim não se pode deixar de pressupor familiaridade do poeta com o horacianismo derivado (inglês e português); e a suspieta de privança, tardia e rodçada embora, com os próprios poetas latinos, para a qual a preceptiva inglesa e a tectónica estilística de Pope preparavam, fica sempre de pé.

Não se pode abarcar num simples artigo a incansável investigação e a crítica largamente informada de João Gaspar Simões sujeito a vida e a obra de Pessoa nestes dois grandes volumes. Há, no seu estilo biográfico, como dissemos, uma certa frouxidão, como há na sua análise alguns descaminhos, profusão e repetições. Mas o aparato dos motivos que estão por detrás de obra e personalidade tão originais e complexas, como as de Fernando Pessoa é, sem dúvida alguma, um dos mais notáveis êxitos da biografia e da crítica literária portuguesas.

(1) Lisboa, Livraria Bertrand.

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

ESQUECIMENTO

Nem eu sei já porque a vida me trouxe até aqui.
Chegava bem o mar de rosas onde em pequeno vivi.
Chegava bem!
Mas as coisas cresceram com gestos de desdém,
e as ondas me empurraram.
Chegava bem!
Mas um dia,
quis o momento ser momento e trouxe-me a poesia.

(Para que suas brancas? Para que bombas leste?)
Eu já não sei, não sei!

LUIS DO MONTE — Não lhe faltam qualidades. Precisa, porém, de se desenvolver, pelo conhecimento de outros e mais vastos horizontes poéticos. Leia muito — e bons autores, incluindo os modernos. Os seus processos expressivos estão muito apertados a «sedias feitas». Mas têm segurança rítmica e valor de conteúdo.

DA COR DO TEMPO...

A obra de Abel Hermant, há dias falecido, é, na obra que obtive, um exemplo vivo de quanto pode o sortilégio da língua francesa, tão bela, tão perfeita e tão alicante, que uma produção literária de relativo mérito assumido, nesse idioma, um encaixe que lhe confere a imediata aparência de um valor que, na verdade, não possui.

Alfonso Lopes Vieira, numa dos seus serões, disse com êxito, e eu afirmo que a língua portuguesa, essa, é tão bela mas tão difícil que é preciso quase ter génio para conseguir-se escrever nela, uma obra de talento. Na francesa, porém, o simples talento parece génio, afirmava, concluindo que do facto adinha uma grande parte do prestígio da literatura do país da fala unisular.

Mas o momento quis ser momento e trouxe-me para aqui...
Chegava bem o mar de rosas onde em pequeno vivi.
C. A. P. C.

Correspondência e sugestões críticas

MULIEIR — A influência de Florbela Espanca é já muito menor do que nos primeiros sonetos que submeteu, em tempos, à nossa apreciação. Estes novos «trabalhos», sob o ponto de vista técnico, revelam ainda algumas deficiências técnicas. Mas nota-se progresso evidente no caminho da sua realização artística.

ALBERTO MONAT — Os poemas que nos remeteteu valem apenas como esboços de poesia, simples tentativas de expressão, de forma embrionária.

CARLOS FERREIRA CORREIA DE BARROS — Não se pode negar vibrante a sua capacidade de sentimento, à sua «Amnésia». Considerada poeticamente, em função de certos valores de conjunto, a composição é, todavia, imperfeita.

AFNS — Das suas produções que nos enviou, apenas gostámos daquela que intitulou, sobriamente, «Eus». Está a uma grande distância das outras. E, por isso, talvez, mereça, numa das suas próximas, o lugar de honra da «Antologia».

ADEREITO LOPES — Gratos pelas amáveis referências ao interesse desta espécie. Quanto à poesia «Desesperar», julgamo-la ainda insuficiente para atermos das suas reais possibilidades literárias. Mande outros trabalhos.

Para além da espiritualidade boudada, bem duvida, um fundo de autenticidade, finalmente observado. E Abel Hermant é, com efeito, de certo modo, o mestre português que se referia, pois tendo sido vários géneros — quase todos — acolheu-se, bem cedo, ao campo mais fácil da obra lírica e trágica, de que La Cartre e os seus Antiquários foram, talvez, os expoentes.

E fez largo caminho nesse campo. Caminho e fortuna, através de uma notoriedade que herdou a glória, e dignidade por que não se desvaneceu, o que não erio suceda com a de Hermand, sem que isso possivelmente o incomode muito, além disso.

Viteu rico, célebre e feliz. Já é alguma coisa, sobretudo se atentarmos em que outros, mais dotados, não lograram tanto.

«CONTRAPONTO»

Cadernos de crítica e arte

Acaba de sair o primeiro caderno de crítica e arte da série «Contraponto», organizado e dirigido de Nunes Ferreira e Pilla Simões. Insere colaboração original de Augusto Abelaira, Manuel Moura Carraz, Arlinda Franco Oliveira, Luís Pacheco, Jaime Salazar Sampaio e Vasco Vidal. Além de crítica literária e cinematográfica, o presente caderno publica poemas e ensaios interpretativos sobre os escritores modernos. Destes ensaios, é justo destacar o magnífico estudo de Luís Pacheco sobre a poesia de Carlos de Oliveira, sendo de elogiar as simagoras que insere a propósito das atitudes primeiras da crítica, que são compreender e expor. Curioso, também, a poesia sintética de Jaime Salazar Sampaio.

NÃO SABE QUE FAZER DOMINGO À NOITE? VÁ À FEIRA DE ALGES.

ULTIMAS NOVIDADES

INEFICÁCIA DO TESTAMENTO E VONTADE CONJECTURAL DO TESTADOR
POR DOUTOR JOÃO DE MATOS ANTUNES VARELA
1 volume de 235 páginas 6500

REGISLAÇÃO DO TRABALHO ANOTADA III — TABELA DAS CUSTAS NOS TRIBUNAIS DO TRABALHO — DEVIDAMENTE ATUALIZADA
POR DR. HENRIQUE FERREIRA
1 volume de 146 páginas e suplemento do primeiro (Decreto-lei n.º 31.573) 8250

ASPECTO MÉDICO-SANITÁRIO DO DISTRITO DE VILA REAL
POR DR. J. T. MONTALVAO MACHADO
1 volume de 576 páginas 70400

A EUROPA ESTÁ EM CRISE
POR OTTO B. ROEGLE
1 volume 10400

IRVA LATINA — Compêndio 6.º ano dos Liceus
POR DR. JOSE NUNES DE FIGUEIREDO 3500

APRENDA A ESCREVER RACIOCINANDO
COM PREFÁCIO DO PROF. DOUTOR BEZELI GONÇALVES
Um folheto 500

São edições e depósitos da
COIMBRA EDITORA, LIMITADA
A' venda em todas as livrarias

Desporto

FE GONÇALVES MARQUES E OUTROS ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS DO FERIADO DE AMANHÃ

A festa de Manuel Marques, internacional do Sporting, e o grande atletismo do Desporto no feriado de amanhã, quer pelo programa, quer de execução, quer pela homenagem que presta a um atleta de exemplar carreira — sempre do mesmo clube —

começa às 13 horas com o desafio Atlético-Belenenses, arbitrado Oliveira Machado, tendo Anacleto Gomes e Joaquim Campos em finais de linha. Tercas e quartas de 5. A. M. para o vencedor e 5 vezes dos Santos para o vencedor. O segundo encontro, Benfica-Sporting, começa às 15. 5. dirigidos por Constante de Sousa, auxiliado por Borges Leal e Carlos Silva. Taças de honra de Gonçalves Marques para o vencedor e Maria Emilia da Silva para o vencedor.

Na sexta-feira, o grande atletismo da homenagem, fazendo o nosso colega de imprensa dr. Tavares Silva o único jornalista desportivo. Entram-se às taças disputada no primeiro encontro e as medalhas comemorativas do feriado.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

Alvaro Dias, o atleta do ano, receberá o prêmio do «Diário Popular».

No intervalo da encontro Benfica-Sporting, fará o «Diário Popular», representado pelo seu chefe de Redacção dr. Fernando de Azevedo, o prêmio do melhor jornal do ano.

FORAM PRESOS OS AUTORES DOS POEMAS DE ESPANHA, ITALIA FRANÇA E INGLATERRA FALSIFICADOS alguns «turistas» que iam emigrar para a Venezuela

HA tempo, a P. I. D. E. teve conhecimento da existência de uma organização para fabricação de passaportes, que permitia a muitos emigrantes seguirem viagem para a Venezuela, sendo de Lisboa com destino a França como se fossem turistas.

Os principais dos poemas da Espanha, da Itália, da França e de Inglaterra para se deslocarem a Lisboa a fim de assistirem à Grande Festa Final que se deve realizar em meados do próximo mês de Novembro.

A Comissão Executiva está efectuando as maiores diligências nesse sentido, pois, se a iniciativa for realizada, como tudo faz crer, a repercussão dos Jogos Florais das Férias deixará de ser apenas nacional.

Dentro de dias revelaremos os nomes dos quatro figurados de honra do P. T. P., figuras de grande prestigio internacional.

Sete acionistas assumiram o campo das artes e das letras. Entretanto, prepara-se igualmente um magnifico programa de realização da «F. F.», com o patrocínio do «Diário Popular».

Conforme, dissemos, a Festa Final deve celebrar-se nos meados de Novembro, segundo-se o log. portanico, à Grande Festa do

ALCOBARA, 4. — Quando hoje passava o automóvel

TRATADO DE PAZ DURANTE A ÚLTIMA GUERRA COM OS AVIÕES AMERICANOS

MADRID, 4. — No numero do «Arriba» consagrado quase exclusivamente ao «Dia do Caudillo», Pedro Gomez Aparicio publica um extenso artigo, «Um tratado de paz entre a Europa, depois de trazar o panorama politico interno da Espanha durante os ultimos dez anos, foca o aspecto da politica internacional, caracterizada pela paz, e a respeito do Bloco Peninsular, escreve:

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«Assim, em 1940, o Tratado de Março de 1939 e o Protocolo de Junho de 1940, há algo de muito mais forte do que a simples circunstancia de o tempo, há uma mutação total de panorama entre os dois povos que querem entender-se e as circunstâncias sobre eles convergem para o mesmo fim.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«A neutralidade espanhola não passiva, mas construtiva e operante — teve a sua melhor expressão na politica seguida para com a nossa fronteira vizinha, a fronteira portuguesa, à qual, na frase do Doutor Salazar, nos liga uma comunidade de fronteiras, uma afinidade de sangue, um paralelismo de cultura, e uma unidade geográfica e estratégica.»

«VIRAR-SE PARA O NORTE» DA COREIA DO NORTE»

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

«VIRAR-SE PARA O NORTE» DA COREIA DO NORTE»

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

O general Koubanov requereu informações exactas sobre as unidades coreanas com causa — Temos aqui cerca de 20.000 a 22.000 homens. Três quartos são coreanos da Manchuria e o resto da Rússia e da Coreia. Estão agrupados em cinco Divisões, cada uma de 4.000 homens. O comando pertence exclusivamente a coreanos, a fim de evitar o mal-entendido.

AMANHÃ

por ser feriado nacional não se publica

O «DIÁRIO POPULAR»

ALCOBARA, 4. — Quando hoje passava o automóvel

Soc. Cambista José Bonizz

ALCOBARA, 4. — Quando hoje passava o automóvel

SONAP MOTOR

ALCOBARA, 4. — Quando hoje passava o automóvel

GARAGEM ATO-TURISMO

ALCOBARA, 4. — Quando hoje passava o automóvel

É... e mostra ser preguiçoso!



A melhor apresentação é feita pelo próprio. Uma cara com pelos, dá uma aparência de descuido e dificulta o sucesso. A primeira impressão é de importância capital. Gillette é um auxiliar precioso. Faça a barba todos os dias com lâminas Gillette.

Gillette

... possui os mais afiados fios

lembre-se que as lâminas Gillette Azuis e as Máquinas de Barbear Gillette são feitas umas para as outras - use-os em conjunto, para resultados perfeitos.



10 Lâminas Esc. 13500

Os bons dias começam com Gillette

F. LIMA & C.ª SUCR.

PORTO - Largo do Paço, 20

LISBOA - Rua Alves Correia, 37, 2.ª



CARLOS DE BARROS BARBOSA

MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filhos, netos, irmão, cunhado e mais família participam que mandam celebrar missa de sufrágio por alma do seu querido marido, pai, avô, irmão, cunhado e parente, amanhã, 5, pelas 10 h., na igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no altar de Nossa Senhora do Carmo, pelo que, antecipadamente agradecem a todos que queiram assistir a este piedoso acto.



CARLOS DE BARROS BARBOSA

MISSA DO 7.º DIA

BARBOSA & COSTA, L.D.ª, participa a todos os seus Clientes e Amigos, que, amanhã, 5, pelas 10 h., se celebra, na igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no altar de Nossa Senhora do Carmo, missa de sufrágio, por alma do seu antigo e estimado sócio, pai, avô e cunhado dos seus sócios Francisco Lopes Barbosa, Carlos Francisco Barbosa e Mário Lopes do Rego, pelo que, antecipadamente, agradece a sua comparsa a este piedoso acto.

POUPE TEMPO E TRABALHO



Empieque Wombat

PARA A ABERTURA DAS SUAS CARTAS indispensável em todos os escritórios

SOCIEDADE COMERCIAL LISBO-AMERICANA LDA LISBOA - RUA DA PRATA, 145 - TELEF. 23052 PORTO - R. SA DA BANDEIRA, 339 - TELEF. 22398

RESTAURANTE «CAPRISTANOS»

CALDAS DA RAINHA O MAIS MODERNO, ACOLHEDOR E DISTINTO RESTAURANTE DA PROVINCIA AMBIENTE AGRADAVEL, DISCRETO E CONFORTAVEL OPTIMO SERVICO DE MESA ALMOÇOS E JANTARES NOVAS E MAGNICAS INSTALACOES DE BAR E CAFE TELEFONES: 2123 - Bar e Café 2125 - Restaurante

APARELHOS PARA SURDOS

A. MENDES OSORIO TECNICO EM PROTESE AUDITIVA Av. Almirante Reis, 229, 4.ª E. Telef. 73331

VENTOINHAS PAL OSCILOÇÃO AUTOMÁTICA - CONSUMO REDUZIDO - GC 790500

ESTABELECIMENTOS SIDA, L.D.ª R. DE S. NICOLAU, 44-48 - TEL. 23264 - LISBOA

As mães que não habitam filhos de temais... habitam filhos de temais...

PÊLOS M. M. RENÉE REGRESSOU DE PARIS onde esteve 30 dias em estudo...

VIAGENS POPULARES A MADRID Excursões organizadas pela C. P. em colaboração com a «Wagons-Lits».

MÁQUINA DE CALCULAR Arithmos Um conjunto de precisão mecânica e simplicidade de manuseio

ESTABELECIMENTOS SIDA, L.D.ª R. DE S. NICOLAU, 44-48 - TEL. 23264 - LISBOA

Novidade de Sete Efemérides QUARTA-FEIRA, 4 - S. Francisco de Assis

Farmacias de serviço esta noite TURNO J - Marques, Estr. de Benfica, 648 (Tel. 58-095); Alegria, Estr. de Benfica, 277-281 (Tel. 59-511); Leal de Matos, R. de Neves Costa, 39-43 (Carrilho) (Tel. 58-181); Canto, Estr. das Lanchanheiras, 202-B (Tel. 58-641); Pataleira, H.º, R. do Lumiar, 123-124 (Tel. 79-332); Ascenso, Rua 19, Bairro da Encarnação, Alvalade, Av. da Igreja, 18-B, Bairro de Alvalade; Rbeiro, Campo Grande, 138 (Tel. 74822); Prates & Moa, R. da Beneficência ao Rego, 91-93 (Tel. 72723); Vale, Av. do Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 73043); Luigenti, Av. da República, 95-A (Tel. 72132); Novil, R. de Rodrigo da Fonseca, 133 (Tel. 54353); Ducal, Av. do Duque de Lourenço, 19 (Tel. 48949); Oliveira, R. de Alves Gouveia, 19 Marvila (de); R. Direita de Marvila 25; Banha, Estr. de Chelas, 173-175; Brito, R. do Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 31425); Anunciada, R. do Vigário, 74 (Tel. 33760); Progressiva, H.ª Santa Mariana, 18 (Tel. 27829); Gosil, H.ª, Av. de Guerra Junqueiro, 22-C-D; Ripado, Av. do Almirante Reis, 83-C (Tel. 44173); Fonseca, L. de D. Estefania, 6; Salutar, Rua B. 75-A-B, Bairro da Silva; Urbana de Freitas, R. de Silveira, 149-9 (Tel. 68383); Alb. de Santana, à Lapa, 156 (Tel. 63562); Moderna, R. de Garcia da Ilorta, 24 (Tel. 31117); Mendes Gomes, Calc. da Ajuda, 22 (Tel. 32211); Hillier, R. de Pedrouços, 50-52 (Tel. 37390); Ester Nequeira, R. de Alcantara, 5-A (Tel. 37563); Correta de Azevedo, R. de Luis de Camões, 48 (Tel. 39225); Lealdade, R. de Ovídia, 226 (Tel. 62441); Moreira, R. de S. Bento, 330 (Tel. 61262); Açoreana, L. do Conde Barão, 2 (Tel. 31330); Tavares, R. da Palma, 194 (Tel. 27135); Olivares, R. de Rosa, 94-96 (Tel. 21334); Formosinho, dos Restauradores, 18 (Tel. 30927); Normal, R. de Prata, 220 (Tel. 21343).

Marés de amanhã QUARTO MINGUANTE - Prola-mar, 9,20 e 23,35. Baixa-mar, 2,30 e 15,50.

palavras cruzadas HORIZONTAIS: 1 - Unir; molestar. 2 - Falecer; motejo. 3 - Nome de mulher; mediana; dez vezes cem. 4 - Batiscopo; calor atmosférico; nada. 5 - Dividir-se parcialmente. 6 - Casa de campo; verdadeiro. 7 - Discorrer longamente e com afectação. 8 - O mais ramificado; pedra de moinho. 9 - Forma proclítica de vale; maior. 10 - Despacha; mamífero carnívoro. 11 - Coisa agradável no meio de outras que o não são; residir. VERTICAIS: 1 - Estimar; ave galega; de linda plumagem. 2 - Teclado grosseiro e forte de alçodido; passava a noite sem dormir. 3 - Côlera; gracejar; lírico. 4 - Atmosfera; temperatura elevada; gemido. 5 - Terminar. 6 - Balé; abeto. 7 - Acorrentar. 8 - Preposição; e p a o coberto de areia; poeira. 9 - Ruidoso; partiam; forma abreviada de senhor (plô.). 10 - Por fim; alimentação (plô.). 11 - Amofinam; malograr. (Resolução do problema de ontem: HORIZONTAIS: 1 - Dêfo; dona. 2 - Ira; fê; mor. 3 - Tô; víru; Sa. 4 - As; la. 5 - Tu; Sérgio. 6 - Bender; as. 7 - Eu; me. 8 - Mi; fim; pi. 9 - Ear; fê; Pan; 10 - Boer; atire. VERTICAIS: 1 - Dia; roben. 2 - Ero; te; lio. 3 - Vá; une; ré. 4 - Vá; da. 5 - Ofso; m. 6 - Ue; ermida. 7 - Ir; em. 8 - Ar; ag; pl. 9 - Nô; is; par. 10 - Urno; diase.

Movimento dos navios da Marinha Mercante Nacional LEMIA DAS ILHAS ADJACENTES «Carvalho» chegou hoje à Lisboa; «Carvalho» chegou hoje à Horta, procedente das Flores; «Punchal», chegou hoje a Lisboa; «Mocamedes», chegou ao Funchal em 4. LEMIA DA AFRICA E EXTREMOS «ORIENTE» - «Quionga», chegou a Bissau em 28, procedente da Praia; «António Carlos», chegou a Bintan, em 23, procedente de Sissau; «Conceição Maria», em Leixões, procedente de Lisboa; «Luçela», chegou a Mocamedes em 23, procedente do Lobito; «Pungue», largou em 18 de Lisboa para Luanda (7-10); «Tonda» chegou ao Funchal, procedente de Luanda; «Ambriete», chegou a Luanda em 27, procedente de Cabinda; «Rovumas», chegou hoje a S. Tomé, procedente de Lisboa; «Amboim», chegou a Luanda em 25, procedente de Leixões; «Luanda», chegou a Luanda em 28, procedente do Príncipe; «Angola» largou em 1 do Funchal para S. Tomé (8-10); «Borçeta», chegou hoje a Lourenço Marques, procedente do Cabo; «Mocambique», a largar de Mocamedes para o Lobito; «Gatas», largou em 2 de Lisboa para Luanda (12); «Mocamedes», chegou a Lourenço Marques em 28, procedente de Durbán; «Almeirim», chegou a Bissau em 29.

MARROCOS Espanhol, Francês e Andaluzia Uma Viagem de sonho ao Norte de África - 15 dias de Automóvel PARTIDA EM 4 DE AQUEBRO AGENCE FRANCE EXPRESS TRAV. DO COVELO, 37 (R. DO ARSENAL) TEL. 27519 - LISBOA

APENAS 120 POR ESC. «Lensesais» V.ª PODERÁ ADQUIRIR A MAIS BELA MÁQUINA FOTOGRÁFICA SISTEMA REFLEX flexarel

FAJÕES Serviço combinado com o Caminho de Ferro Em combinação com a C. P. é inaugurado no próximo dia 1.º de Outubro, o serviço de transporte de mercadorias entre as povoações de S. João da Madeira e Arrifana (indistintamente) e a povoação de Fajões, executado pelo Sr. Alberto da Correia Leite (estabelecido em Ovar). A partir daquela data todas as estações de caminho de ferro acitam a despacho mercadorias destinadas à povoação de Fajões (Fajões-Central). Reciprocamente, e a partir da mesma data, no Despacho Central de Fajões acitam-se a despacho mercadorias para todas as estações de caminho de ferro. Com este serviço combinado ficará servida toda a povoação de Fajões pelo caminho de ferro. TRANSPORTE DE AMENDOA PELO CAMINHO DE FERRO A C. P. faz o transporte de AMENDOA COMUM COM CASCA e de MIOLO DE AMENDOA do Alentejo para Barreiro e Lisboa por PREÇOS ESPECIAIS MUITO REDUZIDOS

O BANCO DE OFERECIDO EM SINTRA PELO MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

(Continuação da 1.ª pag.)

elevada direcção politica do país vizinho que em generoso tom de generosidade de comunidade espiritual quiseram vir até nós, a acompanhar com a dignidade da sua presença a peregrinação piedosa do corpo de S. João de Deus, pelas terras que viram nascer o Santo e se orgulham do seu apostolado.

Raros deveres seriam mais gratos de cumprir do que os de vos falar aqui, em emergência tão repassada de significações reconfortantes. Mas também poucas vezes terei sentido semelhante tumultuar de sentimentos: desde a veneração pela figura enorme, iluminada e suavíssima, poeira de transfiguração do barro humano em essência quase divina, que há quatro séculos abriu no agiologio uma página de beleza inextinguível, — ao contentamento de que tenha sido Portugal a dar ao Mundo essa alma eleita que em terras de Espanha havia de florir e sublimar-se desde a primeira admiração pela obra extraordinária de assistência social (verdadeira epopéia da Bondade entre os homens) que a partir do grande fundador tem vindo a desenvolver-se, numa das mais maravilhosas realidades do alumnado que a Humanidade jamais teve, — até ao reconhecimento para com a forma caravitesca como a Espanha se dispôs a trazer a Montemor e as outras cidades e vilas lusitanas as reliquias sagradas, dando-lhes para escolha de honra algumas das mais belas e destacadas individualidades politicas e intelectuais.

E outros jubilosos sentimentos ainda: entre eles o de conforto moral pela lição e exemplo que esta jornada encerra. Exemplo de exaltação das coisas do espirito, lição de solidariedade no honrar as melhores realidades morais e historicas da civilização cristã, que os dois Países sabem oferecer na hora sombria de materialismo que vai soando pelo Mundo.

Na tarefa de manter esse patrimonio fundamental estamos e estaremos sempre empenhados, cada um com os seus caracteres e circunstâncias, cada País com a sua vincada personalidade, mas um e outro irmanados na convicção de que ambos são elementos essenciais na defesa dos valores supremos do Occidente, em que estamos integrados de coração e alma.

Nisso eu pensava quando ainda há bem pouco interpretando o sentir do Governo del a contribuição do meu esforço para ajudar a erguer a segurança colectiva de que a Europa tanto carece. Nisso eu penso agora, ao apreender o significado do acto que nos reúne aqui. E nisso pensarei sempre, ao desenvolver a actividade internacional do Estado Português.

Não somos de mais na Europa e nas Américas, para construir a defesa comum da cultura occidental. Teremos todos de nos dar as mãos, sabendo escolher os valores essenciais, se quisermos — e queremos — transmitir intacto aos nossos filhos o patrimonio que herdámos de nossos maiores: intacto em si mesmo, e intacto na sua divisão pelas soberanias nacionais.

O patrimonio peninsular em Santos, heróis e mártires

E o prof. Paulo Cunha continuou:

E rico patrimonio é esse, na Península em santos, mártires e heróis. Em cada século em cada época, eles ali estão a testemunhar a vocação das duas Pátrias para a grandeza moral. Mas essa quadra dos meados do Século de Quinhentos é a este respeito verdadeiramente extraordinária. Não resisto a aproximá-la, do nosso S. João de Deus, a figura excelsa da vossa Santa Teresa de Jesus, que também há quase quatro séculos se finava, em Alba de Tormes, precisando

mente neste dia 4 de Outubro em que as Relíquias do Santo vão entrar em Lisboa. Como não lembrar também a par do Santo português que na Andaluzia se espiritualizou e em Granada continuará dormindo o sono eterno, a imagem poderosa de S. Francisco Xavier, Apóstolo das Índias e erguido santo de Espanha, que a S. João de Deus sobreviveu dois anos, para depois encontrar repouso na terra portuguesa de Goa, que tanto se honra de ter o seu tumulo e tanto ficou a dever à sua evangelização?

E poderia, meus senhores, de efemeridade em efemeridade demonstrar-me no desenrolar da longa teoria de figuras de acesse e misticismo que são a glória da Igreja e o orgulho das duas Nações.

Poderia também deter-me na contemplação dos vários sentidos e planos em que a vida e a obra de S. João de Deus merecem ser acompanhadas pelo estudioso, ou pelo crente ou pelo trabalhador social, ou enfim por todo e qualquer homem que busque uma formação integral da sua personalidade. Tanto há aí que aprender, tanto há aí para praticar e para seguir!

Não é por pouco que Sua Santidade o Papa nos dá a honra de enviar um Cardeal Legado, e de, em gesto gentilissimo, ter escolhido para essa augusta missão um grande Cardeal português.

Mas não seria amavel cansar-vos mais com a enunciação do que está no coração de todos.

«Neste Mundo tão doente de fantasias e abstrações nenhuma politica internacional verdadeiramente realista se pode levantar quando não seja alicerçada em profunda comunhão de sentimentos entre os dirigentes dos países»

Só uma ultima palavra para dizer quanto tenho estimado o encontro com Vossas Excelências.

Neste mundo tão doente de fantasias e abstrações, nenhuma politica internacional verdadeiramente realista se pode levantar, quando não seja alicerçada em profunda comunhão de sentimentos entre os dirigentes dos países. O contacto pessoal, a troca de vistas, o ajustamento de opiniões são por isso mais do que convenientes, são indispensáveis, quando há interesse superiores comuns a salvaguardar e a defender, como é o caso da Península Ibérica.

Que os nossos dois países compreendem esta verdade, está bem patente no encontro cordial que ainda há dias reuniu o Chefe do Estado espanhol e o Presidente do Conselho português.

E, sob este aspecto, o Centenario que comemoramos fornece mais um excelente ensejo em boa hora aproveitado, com o qual do meu lado sinceramente me congratulo.

Termino, agradecendo a Vossas Excelências a honra de os ter como hóspedes. E ergo a minha taça para beber à saúde do Chefe do Estado espanhol, e bem assim da dos individualidades insignes de Espanha que quiseram dar-nos o prazer da sua companhia.

Palavras do Ministro da Justiça de Espanha

Em resposta, falou o Ministro da Justiça de Espanha que, depois de cumprimentar o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, agradeceu a hospitalidade dispensada a representação nacional de Espanha e salientou o aspecto de comunhão espiritual entre os dois povos a que aludira o sr. prof. dr. Paulo Cunha.

Mostrou como a essa colaboração, fecunda e larga no passado, estava reservado ao presente o papel de importância decisiva para a Europa, a qual volta a trazer a contribuição de uma fé, para manutenção de uma cultura mista de disciplina intelectual helénica e de solidariedade cristã.

No seu brilhante discurso, afirmou, depois, que a Espanha e Portugal eram os mais repre-



O sr. presidente da Camara Municipal proferindo a saudação da cidade ás personalidades espanholas. No primeiro plano, á esquerda, o presidente das Cortes de Espanha; no segundo, o sr. dr. Trigo de Negreiros, Ministro do Interior

pentativos executores dessa cultura e dessa verdadeira democracia. Por fim, saudou o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, exaltando a fraternidade espiritual do grande povo português.

A recepção ás entidades espanholas nos Paços do Concelho

De manhã, na Camara Municipal de Lisboa o sr. presidente recebeu as personalidades espanholas que acompanhavam as Relíquias de S. João de Deus.

As 11 horas obcegaram ao edificio do Paços do Concelho os srs. D. Esteban Bilbao, presidente das Cortes espanholas; Belas Perez e Fernandez Cuesta, respectivamente Ministros da Governação e da Justiça de Espanha; Mario y Cortés Flino, governador de daquele país e Governador Civil e presidente do Ayuntamiento de Granada. Os visitantes eram acompanhados pelos srs. Embaixador de Espanha em Lisboa e sr. Vasco Fletcher, do Ministerio dos Negócios Estrangeiros, sendo-lhes prestada guarda de honra por uma força do Batalhão de Sapadores Bombeiros, cuja banda executou o Hino espanhol e os primeiros acordes da «Portuguesa».

No átrio, os visitantes foram recebidos pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que se encontrava acompanhado pelos vereadores srs. Vasco de Moraes Palmeiro e eng. Sousa Rego; dr. Jaime Lopes Dias e outros funcionários superiores.

As personalidades espanholas dirigiram-se para o gabinete da presidência onde lhes foram apresentados o sr. Ministro do Interior, que já ali se encontrava; vereadores e directores de serviços municipais; o tenente-coronel Monteiro Libório, comandante da S. P. de Lisboa e outras entidades convidadas para a cerimónia.

No salão nobre, para onde os visitantes passaram depois, encontravam-se também, além do funcionário superior da Camara, numerosos convidados, entre os quais os srs. eng. Santos Pedroso, presidente da Junta de Província da Estremadura; coronel Alfredo Fontoura, da Sociedade de Geographia de Lisboa; monsenhor dr. Carneiro de Mesquita, deão da Sé Patriarcal; dr. Augusto Traveços, director Geral de Saude; drs. António de Castro e Carlos Flino, respectivamente, presidentes das Associações Commercial de Lisboa e Industrial Portuguesa; Cordeiro Peito, da Comissão Central das Juntas de Freguesia, etc.

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto proferiu um breve discurso de saudação aos visitantes. Disse que ainda não se extinguira naquela sala, o eco da cerimónia da recepção ao Chefe do Estado espanhol, Generalissimo Franco e já uma nova e ilustre embaixada espanhola vinha honrar com a sua presença os Paços do Concelho da cidade de Lisboa, trazendo consigo, mais uma vez, a afirmação: fraternidade peninsular.

O orador destacou depois o sentido espiritual das cerimónias em honra de S. João de Deus e afirmou que é consolingoso verificar que, no meio de tanto desconcerto ainda há quem saiba manejar a memória dos homens que se fizeram grandes. Disse que a presença das Relíquias do Santo Português

na sua constituição grande honra para a cidade e terminou, renovando as saudações aos seus hóspedes.

Então, o sr. presidente das Cortes de Espanha, agradecendo as saudações, proferiu uma oração, de belo corte literário, fazendo um entusiástico elogio da cidade de Lisboa, terra de gente trabalhadores e aventureira, de onde partiram os homens que penetraram no mistério das mares e mundos desconhecidos.

O ilustre orador destacou o valor espiritual do carácter do povo português e da sua terra, que tem a glória de possuir figuras como Santo António de Lisboa — e não de Pádua, acentuando S. João de Deus e ainda o Santuario de Fátima.

Alguns também, ao significado espiritual das cerimónias que decorrem em honra de S. João de Deus, fez o confronto entre o vendaval de ateismo e de cruel desumanidade que se desenvolve a Oriente e a doce paz e demonstrações de caridade que se verificam a Occidente, cabendo a honra e a alegria de serem Espanha e Portugal as mais altas expressões dessa manifestação de espirito.

O sr. D. Esteban Bilbao afirmou que a Espanha jamais esquecerá o carinho que Lisboa dispensou ao Caudillo quando da sua visita a Portugal e exprimiu a certeza de que a amizade eterna que liga as duas pátrias, saudando as figuras notáveis de Franco e Carmona.

Seguidamente, os visitantes retiraram-se, sendo acompanhados pelo tenente-coronel Salvação Barreto até ao átrio dos Paços do Concelho.

AS ELEIÇÕES NO BRASIL

(Continuação da 1.ª pag.)

Social-Democrático do Governo O senador Ismar Góis Monteiro foi um dos feridos.

Em Belo Horizonte, capital do Minas Gerais, a policia dispersou os membros do Partido Comunista, que distribuíam panfletos e fez algumas prisões.

A má qualidade das comunicações tem retardado as noticias sobre o movimento eleitoral nas áreas distantes, mas no Rio cala-se que apenas não votaram setecentos por cento dos eleitores. — (R. e F. P.)

Os resultados só serão conhecidos dentro de vinte dias

RIO DE JANEIRO, 4.—O act eleitoral decorreu com normalidade. O total de abstenções não excedeu 25 por cento, o que se revela bem o interesse do electorado. No entanto, só dentro de 20 dias o Brasil saberá quem é o novo Presidente, pois só então o apuramento eleitoral estará concluido.

Os observadores politicos creem que Cristiano Machado se rá eleito Presidente, pois recebeu á ultima hora valiosas adesões — (L.).

Howe sete mortos em consequência dos disturbios

RIO DE JANEIRO, 4.—Anuncia-se que foram mortas sete pessoas em lutas a tiro, durante as eleições gerais de ontem, no Brasil.

Travou-se tiroteio entre grupos governamentais e da opposição nas cidades de Campos, Miracema e São Pedro da Aldeia, no Estado do Rio de Janeiro. Em Campos, foi morto o regedor, quando tentava restabelecer a ordem. Nas outras duas localidades foram mortos dois chefes politicos locais. — (R.).

A MARGEM DOS COMUNICADOS DO WALU AO DANUBIO

No próprio momento em que o delegado americano ao Conselho de Segurança explica o erro de alguns advogados que confundiram, em 27 de Agosto, o rio Changchou com o rio Yalu, benfazejo, por occasião de um aeroporto chinês, o célebre rio que forma a fronteira entre a Coreia e a Mancharia fez uma reparação perigosa nos comunicados. Porque, a propósito de um escombros de tropas que foi bombardeado ontem na Coreia do Norte, diz-se que reforços de toda a espécie continuam a entrar de Mancharia por comboios de ferro e por estrada, o que fornece uma interpretação bastante alarmante das palavras proferidas em Pequim pelo Primeiro Ministro Chou-En-Lai. Por occasião do primeiro aniversário do regime comunista chinês, Chou-En-Lai exortou os norte-coreanos a usarem as tácticas de uma guerra de resistência prolongada, acrescentando a promessa de que se povo chinês não ficaria indiferente se os imperialistas invadissem em força o território dos seus vizinhos.

O Yalu, nas abocidades do qual os japoneses eliminaram a frota chinesa em 1894, para ganharem dez anos mais tarde, nas suas margens, a primeira grande vitória contra as tropas russas, voltará a ser o rio do destino da Ásia noção? Não se pode prever as consequências definitivas da vitória militar contra os comunistas no Extremo Oriente, mas é evidente que se colinas mudarem muito na outra extremidade da órbita soviética, quer dizer na Europa Central.

Foços dias depois de a Policia alemã ter derrotado completamente a marcha dos 100.000 comunistas para Dortmund, a greve geral declarada pelos comunistas vienezes matrogens-se a dar a parte na Austria, com excepção de zona ocupada pelos russos. Estes deverão finalmente compreender que a resistência, dos povos europeus contra a dominação pela força é também uma força contra, a qual nenhum argumento prevalecerá.

DOMINGO, 8 DE OUTUBRO EXCURSÃO DA C. P. A TERMAS DE MONTE REAL — PRAIAS DE VIEIRA DE LEIRA E DE PEDROGÃO — COIMBRA

Comboio e autocarro — Esc. 110800 Partida da estação de Lisboa-Rosário ás 8 h. Regresso á mesma estação ás 0.15.

Inscrição na Secção de Informações da estação do Rossio (telefs. 33185) e na Agência da «Wagons-Lits» — Avenida da Liberdade, 91 (telefs. 31761).

NOVIAS DO PORTO

O PINTOR VIEIRA PORTUGUESE MENEZES ENA CONSAGRACAO da Vieira Portuense, Domingos Sequeira e Machado de Castro, formam o grupo representativo nas artes plasticas na segunda metade do século XVIII. A sua obra a sua arte, esta grande figura de uma devida consagração. Vieira Portuense vive no esquecimento das gerações modernas, apesar de ter sido um dos nossos grandes artistas. O painel «Santa Margarida da Cruz» tem, pelo seu valor, actualmente na Ordem de S. Francisco desta cidade, bastaria para o consagra. Mas o Museu de Arte Antiga, em Lisboa, e o Museu de Belas Artes do Porto guardam algumas das suas obras notáveis. Muitos dos seus quadros e desenhos estão espalhados por outros museus e pertencem a galerias particulares. O Porto tem, pelo dever de promover uma grande homenagem a um dos seus mais illustres filhos, promovendo uma exposição da sua obra, dando o seu nome a uma das suas artísticas e criando-lhe um monumento em qualquer dos seus jardins. Vieira Portuense foi um artista que honrou a sua Pátria e ao Porto competindo prestar justiça a esta grande figura da cultura portuguesa.

DESECTOR DA POLICIA JUDICIAL — Assumiu as funções de director da Policia Judiciária nesta cidade, o sr. dr. Raúl Securina, que nesse cargo foi recentemente investido em Lisboa. O sr. dr. Raúl Securina, que goza das melhores simpatias, desempenhou inteiramente as suas funções durante a ausencia de dita área, no impedimento do sr. dr. António Santos da Cunha nomeado para o alto cargo de chefe do distrito.

MONTE DA RUA DA FORMIGA — Começaram esta manhã os trabalhos para a transferência da antiga fonte da rua da Formiga, uma das mais interessantes do centro da cidade. Por decisão camarária, atendendo ao seu valor architectónico, aquela fonte, depois de apeada com o maior cuidado, será colocada em local mais apropriado na Praça das Flores.

IMPREVISTA DE TEÓFILO BRAGA

(Continuação da 1.ª pág.)
 activa. A seguir à minha formação em Direito, indigitamente para governador civil. Mais tarde, insistiram comigo para que eu apresentasse a minha candidatura como deputado. Penhoradíssimo, agradecei a lembrança, mas não quis nem uma coisa, nem outra. É certo que exerci o cargo de secretário de Ministros, exerci-o, porém, sem que tal facto revestisse qualquer significado intencionalmente político. Entretanto, posto que afastado da actividade política foi-me dado, mercê de relações de família, conhecer muitos vultos da política monárquica e, igualmente, mercê de meu ingresso no jornalismo, tratr com muitos vultos da política republicana. Na verdade, novo ainda, entrei para A Capital e para A Manhã, os dois jornais que eram, ao tempo, uma espécie de vanguarda da literatura e da política; através de um de entre, mantive relações com muitos políticos e escritores (quantos e quantos já desapareceram), e de tantos deles guardo recordações que dar-lhes talvez um livro de memórias. E' desse livro, que só Deus sabe se eu virei a fazer um dia, que recorro ao episódio seguinte: Quando chegava a capital de 5 de Outubro A Capital e A Manhã nunca deixavam de recordar o advento do novo regime e de publicar, pelo menos, um artigo em que se formulavam algumas

reflexões sobre o passado e o futuro da Republica. Foi nas vésperas de um destes aniversários que me surgiu uma ideia que logo expus a Luis Derouet. O certo, grande mestre do seu ofício, que chefiava a redacção da Manhã e sabia, como poucos, não só inspirar, mas estimular, os seus redactores e colaboradores, olhou-me e exclamou, num sorriso: — Uma ideia! Venha ela!
 Disse-lhe então que me havia lembrado de entrevistar para o numero de 5 de Outubro os membros do primeiro Governo republicano, perguntando a cada um deles o que cada um deles pensava, a uma dezena de anos de distancia e de experiencia, da implantação da Republica em Portugal.
 Derouet aprovou a ideia. Eu não poderia talvez ouvir todos, porque alguns se não encontravam em Lisboa, mas ouviria os que fosse possível.
 — Começarei por Teófilo Braga que foi o presidente do Governo Provisório... — murmurei eu.
 — Acho bem — concordou Derouet. — Além do mais, é a ordem constitucional...
 No dia seguinte, fui bater à porta de Teófilo. A criada não estava e ele próprio veio abrir. Há muito que o conhecia pessoalmente e sempre ele me dispensava penhorante benevolência.
 — Então que o traz por cá? — inquiriu, ao ver-me.
 — Queria fazer-lhe uma pergunta.
 — Sobre Literatura?
 — Sobre História...
 — Levou-me para o seu escritório — um escritório pobre de mobiliário e atulhado de livros e de papéis — obrigou-me a sentar-me e interrogou-me sobre que ponto da História é que eu desejava ouvir-o. Confessei-lhe, como não podia deixar de ser, o verdadeiro motivo da minha visita. Teófilo franziu o nariz, coçou a mosca grisalha:
 — Estes jornalistas, estes jornalistas!...
 Mas logo se abriu numa resolução.
 — Traz papel e lápis?
 Disse-lhe que sim e puxei do meu lápis e do meu block-notes.
 — Então escreva. «Nasci e hei-de morrer republicano. A Republica foi e continua a ser o meu ideal. Dentro da minha acção no Governo, sempre procurei a melhor solução para o nosso destino mais agradável. Nunca contengui. Mal eu plantava as flores, vinham as lagartas (as lagartas da politica, as piores de todas), e comiam-nas. Acabei por renunciar. Hoje só preso e algemado me arrancariam aos meus livros e aos meus papéis.» Escreveu!
 — Leia lá...
 Após a leitura, que eu fizera, comentou:
 — Eu devia ter carregado nos adjectivos, mas, paciência, vai assim...
 A' noite, mal cheguei ao jornal, dirigiu-me a Luis Derouet: — Estive em casa de Teófilo...
 — E ele que lhe disse?
 — Faça favor de ler...
 Derouet leu o que Teófilo me ditara e ficou aturdido:
 — Isto não se pode publicar. Então no dia em que a Republica faz anos devemos lhe dar um presente destes?
 Concordei. Mas desde que se não podia publicar o depoimento de Teófilo, não se devia publicar nenhum outro. E assim se frustrou o inquérito. Alguns dias depois, expliquei delicadamente a Teófilo Braga que, não tendo sido possível ouvir todos os membros do Governo Provisório, se consideraria melhor reservar o assunto para outra oportunidade.
 Passaram-se semanas. Uma tarde, num encontro com António José de Almeida, este (que tivera conhecimento por Luis Derouet das palavras de Teófilo) afirmava-me o propósito:
 — A Republica não está isenta de erros, e alguns graves; mas, para uma republicana, afastar-se dela, por despeito, não pode constituir a melhor forma de corrigir e redimir esses erros!

IMPRESSÕES TAURINAS DE VILA FRANCA

(Continuação da 4.ª pág.)
 quietação da sua crença, numa ansiedade da posse plena da graça e da luz de Deus, e é, ao mesmo tempo, a tormenta do Homem, a Vida com todas as suas sombras e fraquezas, a luta da existência com rastros de miséria e fulgores de hossana, com cardos agrestes e lírios de fogo, com pecados e virtudes, com vitórias e derrotas.
 E' esta a grande mensagem de Bach, posta na sua musica, arrancada com mãos de génio à sua humildade de cristão e ao seu enorme talento de artista. O mesmo drama empolgante de Beethoven ao mesmo enfiamento das sublimidade da expressão emocional, os dois sentindo e sofrendo, mas o «Cantor de Leipzig» refugiando-se na resignação e na esperança da sua crença e o génio de Viena gritando a sua dor no desespero da solidão, limitando-se nas fronteiras do pessimismo.
 Bach fez da sua musica um apostolado e Beethoven apenas eloquentes desabafos de um génio torturado. Bach canta Deus, o Amor e a Morte de pupillas iluminadas e a sua tristeza é a balada dorida de um romelomonge, que nos deixa na alma um perfume que conforta, uma luz que suggestiona, que prende e que alenta. A sua melancolia encerra o misterioso fluido que se desprende das sombras extáticas de uma catedral, onde a pequenez e a grandeza se confundem nas mãos unidas das ogivas suplicantes e corollas nos místicos clarões dos vitrais.
 A «Paixão segundo São Mateus» é uma grandiosa epopeia lírica, que encerra toda a vida interior de Bach, com a alma peregrinando entre anjos doloridos e astros macerados, com os pés presos ao realismo humano do Calvário e ao realismo humano da Vida. E' nela encontram um eco sublime de verdade e de beleza todas as ressonancias da nossa própria alma.
 Bach foi um poeta genial que escreveu e falou por musica, e no seu realismo pictural, no seu forte simbolismo alucinéscio estão duas características essenciais da sua poesia e da sua musica.
 Antes de Wagner, Nietzsche, Malarmé, Claudel e Debussy, J. S. Bach realizou o grande drama das Artes e da Vida, pois ele foi buscar à Poesia, à Pintura e à Arquitectura os grandes elementos auxiliares da alucinéscia estética, assim, a apoteose da Vida na majestosa sinfonia das Artes, através da maravilhosa linguagem dos sons.
 Assim, a mensagem lírica de Bach é uma presença suggestiva de sublimação humana onde o espiritualismo da sua Arte tem o raro condão de nos conduzir à posse da Verdade e da Beleza.

Um dos traços mais salientes da forte personalidade de Manoete — da qual essa a razão fundamental do meu «manoletismo» — era a sua preocupação constante de dar tudo por tudo, fosse qual fosse a qualidade do toiro e a categoria da praça, fosse qual fosse. De tal ordem que inspirou a Carlos Arruza — o seu mais próximo competitor — a seguinte frase de que com Manoete passavam a ter lide toiros que jámais alguém pensou que a tivessem.
 E' que, como também ensina Domingo Ortega, não basta dar passes, há que tourear. E tourear não depende do numero de lances dados, mas sim da sua oportunidade e da sua efectividade, uma palavra, da maneira como se leva o toiro toureado.
 Tal exemplo teve nitida efectivação pratica com o que fizeram, na nocturna de ontem, em Vila Franca, dois grandes artistas nacionais: João Nuncio e Manuel dos Santos.
 O segundo toiro de Nuncio está — como quase todos os outros, pois, praticamente todos —

ligamento, só o seu primeiro e o primeiro de Prouca tinham condições de lide — bronco, manso, difícil, limitava-se, quando muito, a estender e pescoço. Pois, Nuncio — numa altura da sua carreira artística em que o cunho já foi atingido de há muito — de tal forma o citou, do tal maneira lhe entrou em curto, quase sempre a ter de emendar a viagem, que lhe cravou alguns curtos de forma inassequível. As lindíssimas preparações de surpreendente beleza. Nada registou.
 Era assim que fazia Manoete, fosse qual fosse o toiro, fosse qual fosse a categoria da praça, fosse qual fosse a sua posição no toureiro.
 Com Manuel dos Santos, na lide do seu primeiro — com igua características de mansidão, difícil dada a bronquialidade — sucedeu o mesmo.
 Uma faena à base de lide efízia, a dobrá-lo, a fazê-lo investir, a apoderar-se dele. Depois, os lances, naturalmente, de várias marcas, porque o grande matador de toiros se fizera com ele, transformando-o de adversário em colaborador, pela forma como soube impor-se-lhe. E Manuel toureou assim, numa altura da sua carreira em que já lhe sobram conhecimentos de toda a ordem, e não se via a falta de nada qual bastava a qualidade dos toiros para lhe servir de alibis se tivesse toureado a despaçar.
 Assim fazia Manoete. Por isso foi o maior de todos os matadores.
 E' que, em toureiro, quanto mais alto se está mais há que mostrar que a culminância ocupada não é alcançada a empurrões, mas á custa do esforço próprio.
 Por isso, Nuncio e Manuel lembraram-me muito ontem Manoete. Respeito muito a memória do toureiro de Cordova. Não a invocaria sem convicção profunda.
 D. Francisco Maacarenhas esteve muito bem nos seus dois toiros, posto da sua parte, em catadupas do seu estofo de toureiro, aquilo que os adversários não possuíam — condições mínimas de lide.
 E' como os de Prouca — com excepção do seu 1.º, que foi o menos mau dos lidados a pé — foram da mesma raça. É claro que o diestro a respeito não se podia entender com eles.
 Sebastião Sariva esteve muito bem a bandalhar, dentro da forma que compete a este tipo de matador.
 Os torcados, depois de sucessivos desaires, salvaram-se com uma rija pega de José Boieiro.
 Os toiros dos Irmãos Palma, com as características de origem cígana, mas com apresentação condigna.

MAC ARTHUR

(Continuação da 1.ª página)
 Mac Arthur nasceu no sul dos Estados Unidos, e sua mãe, que sempre viuva muito cedo, educou-o no culto das virtudes militares. Destinado a carreira das armas, Mac Arthur entrou para a Academia de West Point e, algum tempo depois, sua mãe soube com espanto que o filho estava noivo de oito raparigas. Interrogado a este respeito, o futuro herói do Pacífico limitou-se a explicar com simplicidade:
 — Elas eram todas irresistíveis.
 Claro está que esses amores, por virtude mesmo na sua exagerada multiplicação, morreram sem deixar vestígios e foi só aos 40 anos, quando tinha já atrás de si um brilhante passado militar, que Mac Arthur casou com uma das mais formosas mulheres dos Estados Unidos, a senhora Louise Cromwell, que acabou de separar-se do grande financeiro Walter Brooks. Louise Cromwell tinha 30 anos e dois filhos e passava por ser uma das mulheres mais fascinantes da América.
 A entrada de Mac Arthur na alta sociedade de Washington fez sensação pelo prestígio que já então o rodeava. Na própria ocasião em que foi apresentado à senhora Cromwell, o general pediu-a em casamento. Ela aceitou e a cerimónia celebrou-se pouco tempo depois em Palm Beach, mas a noiva chegou ao templo com algum atraso e Mac Arthur, educado em hábitos de disciplina, não hesitou em repreendê-la publicamente pela demora.
 Dois meses depois, Mac Arthur foi enviado para as Filipinas e sua mulher acompanhou-o a bordo e morreu mortalmente com a vida monótona de esposa de um oficial de guarnição. Diz-se que tentou mesmo persuadir o marido a abandonar a carreira das armas e regressar aos Estados Unidos. Mas Mac Arthur manteve-se fiel à sua vocação — e separou-se da mulher.
 Depois desta experiência matrimonial, pouco feliz, compreendemos então que Mac Arthur passasse a usar de grande prudência. E, com efeito, foi só oito anos depois que voltou a casar-se, desta vez com uma companheira ideal, Jean Fairclough, que sua mãe lhe descobriu. O general tinha já 57 anos e sua noiva era uma rapariga de 24, que desde menina sonhava vir a ser a esposa de um grande guerreiro. A união foi a mais feliz que é possível e dela existe um filho, que tem actualmente doze anos e gosta de brincar com soldadinhos de chumbo...
 Jean teve já ocasião de dar provas de uma coragem digna da esposa de um grande chefe de guerra. Durante a terrível batalha de Corregidor recusou-se a descer aos abrigos e permaneceu sempre junto de seu marido, sob o fogo do inimigo. Mac Arthur ofereceu-lhe depois um relógio em cuja tampa interior estão gravadas as seguintes palavras: «A' mais valente dos valentes».

SARIVA LIMA
 Uma espada cigano?
 Na novilhada de segunda-feira, em Vila Franca, causou sensação a forma como se apresentou um rapaz de nome Joaquim Escudé, de origem cígana. O que fez, fez nascer grandes esperanças nos aficionados que o viram.

LIVROS NOVOS

(Continuação da 4.ª pág.)
 pens, às vezes admiravelmente caracterizados nalguns traços comeciosos, não actuaem. São factos que aparecem ao sabor da imaginação alucinada do escritor.
 No entanto, a acclimação a preponderância de alguns traços comeciosos, não actuaem. São factos que aparecem ao sabor da imaginação alucinada do escritor.
 — Sobre Literatura?
 — Sobre História...
 — Levou-me para o seu escritório — um escritório pobre de mobiliário e atulhado de livros e de papéis — obrigou-me a sentar-me e interrogou-me sobre que ponto da História é que eu desejava ouvir-o. Confessei-lhe, como não podia deixar de ser, o verdadeiro motivo da minha visita. Teófilo franziu o nariz, coçou a mosca grisalha:
 — Estes jornalistas, estes jornalistas!...
 Mas logo se abriu numa resolução.
 — Traz papel e lápis?
 Disse-lhe que sim e puxei do meu lápis e do meu block-notes.
 — Então escreva. «Nasci e hei-de morrer republicano. A Republica foi e continua a ser o meu ideal. Dentro da minha acção no Governo, sempre procurei a melhor solução para o nosso destino mais agradável. Nunca contengui. Mal eu plantava as flores, vinham as lagartas (as lagartas da politica, as piores de todas), e comiam-nas. Acabei por renunciar. Hoje só preso e algemado me arrancariam aos meus livros e aos meus papéis.» Escreveu!
 — Leia lá...
 Após a leitura, que eu fizera, comentou:
 — Eu devia ter carregado nos adjectivos, mas, paciência, vai assim...
 A' noite, mal cheguei ao jornal, dirigiu-me a Luis Derouet: — Estive em casa de Teófilo...
 — E ele que lhe disse?
 — Faça favor de ler...
 Derouet leu o que Teófilo me ditara e ficou aturdido:
 — Isto não se pode publicar. Então no dia em que a Republica faz anos devemos lhe dar um presente destes?
 Concordei. Mas desde que se não podia publicar o depoimento de Teófilo, não se devia publicar nenhum outro. E assim se frustrou o inquérito. Alguns dias depois, expliquei delicadamente a Teófilo Braga que, não tendo sido possível ouvir todos os membros do Governo Provisório, se consideraria melhor reservar o assunto para outra oportunidade.
 Passaram-se semanas. Uma tarde, num encontro com António José de Almeida, este (que tivera conhecimento por Luis Derouet das palavras de Teófilo) afirmava-me o propósito:
 — A Republica não está isenta de erros, e alguns graves; mas, para uma republicana, afastar-se dela, por despeito, não pode constituir a melhor forma de corrigir e redimir esses erros!

— Então que o traz por cá? — inquiriu, ao ver-me.
 — Queria fazer-lhe uma pergunta.
 — Sobre Literatura?
 — Sobre História...
 — Levou-me para o seu escritório — um escritório pobre de mobiliário e atulhado de livros e de papéis — obrigou-me a sentar-me e interrogou-me sobre que ponto da História é que eu desejava ouvir-o. Confessei-lhe, como não podia deixar de ser, o verdadeiro motivo da minha visita. Teófilo franziu o nariz, coçou a mosca grisalha:
 — Estes jornalistas, estes jornalistas!...
 Mas logo se abriu numa resolução.
 — Traz papel e lápis?
 Disse-lhe que sim e puxei do meu lápis e do meu block-notes.
 — Então escreva. «Nasci e hei-de morrer republicano. A Republica foi e continua a ser o meu ideal. Dentro da minha acção no Governo, sempre procurei a melhor solução para o nosso destino mais agradável. Nunca contengui. Mal eu plantava as flores, vinham as lagartas (as lagartas da politica, as piores de todas), e comiam-nas. Acabei por renunciar. Hoje só preso e algemado me arrancariam aos meus livros e aos meus papéis.» Escreveu!
 — Leia lá...
 Após a leitura, que eu fizera, comentou:
 — Eu devia ter carregado nos adjectivos, mas, paciência, vai assim...
 A' noite, mal cheguei ao jornal, dirigiu-me a Luis Derouet: — Estive em casa de Teófilo...
 — E ele que lhe disse?
 — Faça favor de ler...
 Derouet leu o que Teófilo me ditara e ficou aturdido:
 — Isto não se pode publicar. Então no dia em que a Republica faz anos devemos lhe dar um presente destes?
 Concordei. Mas desde que se não podia publicar o depoimento de Teófilo, não se devia publicar nenhum outro. E assim se frustrou o inquérito. Alguns dias depois, expliquei delicadamente a Teófilo Braga que, não tendo sido possível ouvir todos os membros do Governo Provisório, se consideraria melhor reservar o assunto para outra oportunidade.
 Passaram-se semanas. Uma tarde, num encontro com António José de Almeida, este (que tivera conhecimento por Luis Derouet das palavras de Teófilo) afirmava-me o propósito:
 — A Republica não está isenta de erros, e alguns graves; mas, para uma republicana, afastar-se dela, por despeito, não pode constituir a melhor forma de corrigir e redimir esses erros!

O ANIVERSARIO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE EDUCACAO POPULAR

Por motivo da passagem do seu 1.º aniversário, a Sociedade Promotora de Educação Popular distribui, amanhã, às 10 horas, um lanche às crianças que frequentam as suas escolas. Seguir-se-á sessão solene comemorativa dos anniversarios da fundação da colectividade e da implantação da Republica, à qual assistem entidades oficiais, delegados da Federação das Sociedades de Recreio e representantes das agremiações congéneres.

INSTRUCAO

Em Almada
 ALMADA, 4 — Com grande concorrência de alunos e respectivas famílias, abriram as aulas do Colégio Sá de Miranda, existente estabelecimento de ensino primário liceal, comercial e industrial, desta Vila.

UM «VALENTÃO» AGREDIU UMA MULHER À CAÇETA DA

VILA NOVA DA CERVEIRA, 3 — Deu entrada no hospital de Cerveira, com ferimentos pelo corpo e certa gravidade, Maria Armanda Barbosa, de 30 anos, casada, residente no lugar de Segreim, freguesia de Lóiovo, por ter sido agredida à caçeta, quando passava no lugar de Segreim, por João de Segreim, Fôl socorrido pelo médico de serviço, Adolfo Vial, e ficou internada. O comandante do posto da G. N. R. desta Vila, tomou conta da ocorrência.

UMA CONFERENCIA NA ORDEM DOS MEDICOS

O professor brasileiro de Radiologia, sr. dr. Manuel de Abreu, autor do método da radiotografia, profere hoje, às 21 e 45, na Ordem dos Médicos, uma conferência científica sob a forma de uma sessão de tomografias simultâneas. O problema dos portadores de sombras.

CORTEJO DE OFERENDAS E FEIRA DA PIEDADE EM SANTARÉM

SANTARÉM, 4 — Sob o patrocínio do chefe do distrito, sr. dr. Abílio Belo Thèves, e do presidente da Junta da Província do Ribatejo, dr. Artur Proença Duarte, realiza-se no dia 22 do corrente o Cortejo de Oferendas sob a liderança do Espião e Asilo de Orfãos e Inválidos. Há já constituídas as comissões de freguesia encarregadas da recolha de donativos.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCACAO FISICA

Nos próximos dias 9, 10 e 11, efectuar-se as provas de admissão ao Instituto Nacional de Educação Física.

CAMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

Está aberto concurso para provimento do lugar de chefe da secretaria da Câmara Municipal de Aveiro.

ANTONIO QUADROS

(1) — Colmbra Editora, 1949.
 (2) — «Um singularíssimo pensador primitivo. O seu pensamento, desenvolvido por Sant'Ana Dionísio, «O Primeiro de Janeiro», de 11-1-50».

Desporto

(Continuação da 6.ª pág.)
 gundo. Os concorrentes de terceiro ao quinto lugar recebem medalhas.

As 5 voltas às Gaéiras

Depuata no próximo domingo, na Marinha Grande, a 1.ª edição do popular velódromo das «Cinco Voltas às Gaéiras». Estão inscritos: Académico do Porto, Benfica, Campo de Ourique, Futebol Clube do Porto, Sanealhos e Sporting. O produto reverte para a Santa Casa da Misericórdia local, recentemente criada.

Abertura da época de bilhar

A Associação Lisbonense dos Amadores do Bilhar realiza amanhã, na sua sede, uma sessão de abertura da época 1950-51, com o seguinte programa:
 Distribuição de medalhas e diplomas aos jogadores classificados da época transaccada e de boletim individual de classificação de cada jogador. Demonstração teórica e prática de execução do jogo de bilhar, nas diferentes modalidades, realizadas pelo Conselho Técnico e respectivos campeões.

No distrito de Santarém
 TRAMAGAL, 3 — No campo do Barro Vermelho, em Abrantes, jogaram para o Campeonato Regional da 2.ª Divisão do Distrito de Santarém Sport Lisboa e Abrantes e o Tramagal Sport União, ganhando o Tramagal por 7 bolas a 0.

CASTANHA

Transporte por Caminho de Ferro
 A C. P. applica até 25 de Fevereiro de 1951, o preço especial de \$50 por tonelada a quilómetro, e remessa de castanha comum sem preparo, expedidas em GRANDE VELOCIDADE e com o peso mínimo de 100 KILOGRAMAS

GRANDE VELOCIDADE

100 KILOGRAMAS

Luis de Oliveira Guimarães

Luis de Oliveira Guimarães

MEU AMO É MEU FILHO

de RIBEIRO DE MAGALHÃES

NÃO o viu nascer; mas, conheceu-o ainda com horas de vida, pois quando D. Maria Eduarda atingiu os nove meses, o sr. Fonseca era o marido, funcionário da Administração do Bairro — assíduo, zeloso e competente, informava a respectiva folha de serviço, o sr. Fonseca deliberou que a Maria passasse a criada de fora e a Genoveva (a rapariga) que mandaram vir da provincia), cumulasse com as funções de criada de dentro as de ama do menino...

D. Maria Eduarda, sobre ser fraca, não tinha leite; o tempo todo era-lhe pouco para cuidar de si e ensimesmar-se na doença. O sr. Fonseca vivia absorvido pelos múltiplos afazeres burocráticos — agora acrescidos com a sua nomeação para a presidência da direcção do Clube Recreativo. De maneira que os cansaram a criação do petiz na nova criada.

Depressa Genoveva se afeccionou ao menino. Mudar-lhe as fraldas, embalo-lo para o adormecer e amamentá-lo a horas certas — eram para ela privilégios que constituíam outras tantas preocupações.

Quando, por fim, principiaram a romper-lhe os dentes, perdia as noites a passá-lo, a aturá-lo e a rabugem e as perrices...

E de tudo se desempenhavam os seus dezanove anos com tão perfeito á-vontade, com uma tal dedicação, que os Fonsecaes acreditaram nunca aquea rapariga bocal haver feito outra coisa em sua vida, senão cuidar de crianças (tem jeito), tem jeito — exclamava o sr. Fonseca, sacudindo a cabeça, convencido).

E era ver os cuidados verdadeiramente maternos que ela punha ao pegar-lhe, o carinho em que envolvia o bebé; tinha para ele estrechamentos de mãe. Pois não lhe dera a mamar do seu leite, que era tão amargo? — justificava-se em pensamento, envergonhada de que a surpreendessem em seus transportes afectuosos.

Maria Eduarda, de ordinário desprezível, mas a enciumada, fez-lho notar, certa vez, ressentida:

— Credo, mulher, parece que a criança é sua!

Foi aqui que Genoveva começou a empreender naquilo: e com a criança fosse sua?

E em seu espirito terno e virgem, em sua alma simples e ingênua, esta interrogação, de início de dúvida começou a ganhar corpo, a ganhar forma. Mas, calou-se prudentemente...

Quando o pequeno atingiu os dois anos, Maria Eduarda quis prescindir dos serviços da ama. E falou nisso ao marido.

Genoveva, a principio, barafustou contra o que ela considerava uma injustiça, ou uma ingratidão. Depois, suplicou, rojou-se, por fim, de joelhos, aos pés de D. Maria Eduarda, beijou-lhe as mãos — e não, que não a mandasse embora, que não lhe tirassem o seu menino, o seu rico menino...

Ficou. Ficou por condescendência dela, patroa, e a instâncias do senhor. Mas, em seu íntimo, Maria Eduarda ficou contrariada, mesmo despedida; sentiu, instintivamente, no seu instinto de mulher e de mãe, que a rapariga ocupava no coração da criança um lugar maior do que o seu, que ela lhe roubara o afecto do filho. E não descansou, enquanto não arranjou um

pretexto para se ver livre da criada.

Sujeitou-a, constantemente, daí por diante, nos seus caprichos, os mais tolos e insensatos. Expô-la, depois, diante de visitas, a humilhações sem conta, ralhando-lhe e verberando-a sem motivo, espantando uma reacção (uma má resposta, um gesto inconveniente), para a despedir.

A tudo, porém, Genoveva se acomodava, os olhos baixos, um calor na cara, as pestanas humedadas, ganas muita vez de crentes — e ir-se... Mas, o seu amor pelo menino era mais forte que o seu orgulho, mais forte do que a vontade. A tudo se sujeitava, até a servir a senhora, de rastos, desde que a não mandassem embora, desde que a não afastassem do seu menino.

A noite, no seu quarto, já deitada, chorava em silêncio, prometendo a si própria despedir-se no dia seguinte («voltava para a terra; pronto, acabava-se...»).

Vinha o dia seguinte — e, ao olhar para Miguel, ao ver-lhe o seu sorriso inocente, o seu rosto de boneco, e ele estender-lhe os braços... era quanto bastava para se esvaldem do espirito da Genoveva as autopromessas da noite anterior, como a neblina da manhã de Inverno que o Sol do meio-dia desvaneca.

E, por vezes, esquecida do serviço, quedava-se ao pé dele a brincar com o chá como duas crianças...

...Mas, Miguel a para os três anos. As despesas aumentavam dia a dia. E, desta vez, foi o sr. Fonseca que propôs á mulher para dispensarem a criada de fora, remediando-se com a Maria. Maria Eduarda não se opôs.

E Genoveva, de lágrimas nos olhos, e o espirito distante, ou-

viu a nova, como se lhe faliassem de muito longe, quase não compreendendo que a mandavam embora. Então, desta vez, que era certo? Teria ela ouvido bem? E o seu menino, que iria ser do seu menino?

O sr. Fonseca explicou-lhe, pacientemente, mas embaraçado, a principio contrariado, depois comovido por tamanha dedicação para com o filho, que não ficava na rua: ia para casa da D. Guilhermina, a tia da senhora; estavam sem criada — e ela alficaria como em casa deless («como o peixe na água — acrescentou numa das suas imagens predilectas»). «E sempre que quisesse, poderia lá ir ver o menino».

Ela baixou a cabeça, resignada, momentaneamente vencida pela argumentação, pelas promessas, pelo ar tímido ou contristado como de reu. do patrio.

Contudo, nessa noite não conseguiu sossegar; aquilo parecia-lhe um sonho; ou a derrocada dum sonho, a morte duma illusão, tanto se habituara á ideia de que Maria, dali a seguir, que jamais deixaria os patões e o menino julgava-se presa á casa e ao pequeno, como por uma lei fisica, imutável.

E Genoveva partiu. Decorreram uns escassos meses — e uma tarde ela apareceu, quando os patões supunham que, com a ausência, ela esquecera, enfim, Miguel.

Vinha desolada. «Então não a tratavam bem?»

— Tratavam, sim. A senhora D. Guilhermina era muito boa senhora; mas, lá em casa não havia meninos — e ela tinha saudades do Miguelzinho. Onde estava? Se podia vê-lo...

Contrariada, e de início indecisa, Maria Eduarda acabou por dizer: «O menino está no jardim, com a Maria».

Era quinta-feira — e havia musica. Pelos bancos, em roda, velhotes, ar de reformados, ou ociosos, aqueciam-se ao sol, lembravam o passado e ouviam musica. Mas, logo, crianças corriam e gritavam, sob a vigilância das mães e das criadas.

Por fim, Genoveva avistou Miguel lá adiante, num grupo de crianças. Não viu a Maria.

DOMINGO, 8

EXCURSÕES DA C. P. A PORTO E BRAGA

Por motivo dos encontros Beneficentibus Clubes do Porto e Sporting Clubes de Portugal Sporting Clubes de Braga.

Preços ida e volta de Lisboa — Para Porto: 1.ª classe 34600, 2.ª classe 17300; para Braga: 1.ª classe 26600, 2.ª classe 20500, incluindo marcenção de lugar.

HORARIO DA EXCURSÃO DO PORTO IDA: Partida da estação de Lisboa-Rossio no comboio rápido n.º 3, ás 19-30 de sábado, dia 7.

VOLTA: Partida da estação do Porto no comboio rápido n.º 4, ás 16-30 de domingo, dia 8. Chegada a Lisboa-Rossio ás 23-40.

HORARIO DA EXCURSÃO DE BRAGA IDA: Partida da estação de Lisboa-Rossio no comboio rápido n.º 3, ás 19-30 de sábado, dia 7. Continuação para Braga no comboio n.º 5011 de domingo, dia 8, com partida do Porto ás 3-45.

VOLTA: Partida da estação de Braga no comboio 5625/5125 ás 16-35 de domingo, dia 8, continuando para Lisboa no comboio n.º 12, que parte do Porto ás 22-50. Chegada á estação de Lisboa-Santa Apolónia ás 7-30 de 2.ª feira, dia 9.

Na Secção de Informações da estação do Rossio (Telefs. 33190 e 33185) prestam-se todos os esclarecimentos.

CARRUAGEM DIRECTA PORTUGAL-GALIZA

Desde o dia 1 de Outubro a circulação da carruagem mista de 1.ª e 2.ª classe directa de Lisboa a Corunha e vice-versa, fica limitada ao percurso Porto-Corunha-Porto.

O horário do seguimento desta carruagem é o seguinte:

IDA	PORTO	VOLTA
12-45 p.	(p.) 14-34	11-30 v.
15-20 p.	(p.) 14-40	11-35 v.
16-45 p.	(p.) 13-15	11-40 v.
17-15 p.	(p.) 13-25	11-45 v.
21-30 v.	(p.) 8-40	

As Secções de Informações de Lisboa e do Porto prestam todos os esclarecimentos que o Publico deslucos.

mas também não se preocupou com ela.

Chamou o menino. O petiz, reconhecendo-a, veio até ela, a correr, sorridente, os braços estendidos como quando ela o chamava do fundo do corredor: — «Miguelzinho!».

E, em silêncio, abraçou-se a ele, com um sorriso de felicidade por todo o rosto, a boca e os olhos a rirem-se-lhe.

As senhoras em redor interrogaram-se sobre se seria ela a mãe do pequeno. E, sem saber porquê, pela primeira vez na sua vida, Genoveva mentiu: respondeu que sim, que era ela a sua mãe... «Logo vi, bem me quis parecer», exclamou para as outras uma gorda de óculos, com ares de pedagoga e de pessoa entendida.

E, a seguir, como levada por uma força secreta, mais forte que o seu querer, Genoveva disse para consigo: «E se fosse mesmo?»...

Quando Maria voltou já não viu o menino. Procurou, informou-se: «Que a tinha levado a mãe?».

Não debalde que D. Maria Eduarda se lamentou, numa crise nervosa; debalde percorreu o sr. Fonseca os hospitais; debalde apresentou queixa na Policia. Em vão os jornais publicaram a noticia, com o retrato do petiz.

Mas, Genoveva não sabia ler — e conheceu a felicidade de sentir que Miguel lhe pertencia, enfim, e que jamais haveria forças humanas capazes de lho arrancarem.

Não houve mais noticias ou rastro de Miguel, tão pouco de Genoveva...

No bairro pobre para onde ela se mudou, fez constar logo que o pequeno era seu filho — e como tal o tratava: «Vem cá, meu filho! Sim, meu filho!» — ouviam-lhe as vizinhas, constantemente.

E para que nada faltasse, ou de nada ele sentisse falta, vá de trabalhar como uma negra, mal o dia espreguitava, até noite cerrada. Lavava, esfregava, dava serventia de mulher a dias. Regressava extenuada, os rins a queixarem-se, os braços dormentes; mas, antes de se deitar, ainda ia a espregitar se Miguel dormia na sua camita de trapos e pousar-lhe um beijo na testa. E o sorriso que, então, lhe surpreendia no rosto de boneco, compensava-a de todas as canseiras e sacrificios. («Não era parecido consigo?», dizia para si, a querer enganar-se).

Quando Miguel atingiu os sete anos (e como o tempo passava tão depressa... Quando se punha a olhar para trás, parecia-lhe vê-lo ainda a gatinhar, ou a pular-lhe no colo), Genoveva não o deixou ir á escola, como as outras crianças; teve medo de que o reconhecessem — e lho tornassem a roubar.

Arranjou-lhe em conta uma criatura de idade, antiga mestra aposentada, para lhe ensinar em casa as primeiras letras («O seu filho não havia de ser menos que os das outras»).

Mas, mesmo assim «em contos», a coisa custava-lhe os olhos da cara; os ganhos não davam — e Genoveva não conheceu mais os domingos...

Entrou a queixar-se de dores nas costas, um cansaço geral, uma sensação de fraqueza.

Deitava-se febril, mas o sono não vinha. E punha-se então, a fazer projectos: «Quando o Miguelzinho fosse homem e comesse a ajudá-la, haviam de ter uma casa só deles, com jardim e uma criada. Seria doutor? Não, havia de ser official da Marinha, com um uniforme vistoso, galões dourados, tal qual o tio da senhora. E ela, aos domingos, havia de ir passear com ele, do braço dado, no orgulho e na satisfação do seu filho».

Quando, por fim, começava a sossegar, rompia a manhã — e eram horas de retomar a faina de todos os dias...

Levantava-se encharcada em suor frio, uma pontinha de febre.

Principiou a tossir, uma tosse seca, que soava a oco, como a pele de um tambor lasso, ou abafada. Minguou-lhe o apetite, vieram-lhe as primeiras hemoptises — e, uma manhã, não se levantou.

Chorou pela segunda vez, desde que deixara a terra; a primeira, quando quiseram apartá-la do menino; e, agora, que via o seu sonho desfeito, agora que iria ficar sem ele para todo o sempre.

Conheceu o estado em que estava: teve o pressentimento do fim próximo. Miguel já ficava sozinho no mundo. E se o levasse consigo? Pois não bastava beijá-lo na boca? Não fora o que dissera o médico da Assistência?

Estendeu os braços para ele, chamou-o. Mas, logo o repeliu, a solucar, rejeitando a ideia. Veio-lhe outro pensamento. Ela seria feliz, sim. Não havia de ficar só. Sorriu um sorriso descorado, como ela...

Entrou a delirar; o rosto, agora como duas rosetas queimavam; os olhos, brilhantes dançavam-lhes nas órbitas, numa inquietação louca.

E, no seu delírio vinham-lhe á ideia, como á superficie das águas, os destroços dum navio naufragado, trechos da sua vida: «Ai, que me querem separar do meu rico menino. Ai, que fico sem o Miguelzinho!»

E por ali ficou... No dia seguinte, os Fonsecaes vinham buscar o pequeno Miguel.



PREFIRA AS MODERNAS ORÇAS DA **TOPAZIO**

Vende: Joalheria Torreses Rua da Prata

Pêlos no rosto

Só os tem quem que: pois todas as Senhoras os podem tirar a si próprias por processo eficaz, rápido e muito económico. Demonstrações grátis no **SALAO MARCEL**—P. Garret., 48. s/loja.

Emagrecer só com OBESYL

Combate a obesidade, elimina as gorduras inúteis, regula o intestino, regulariza a digestão, alimenta, dá efeitos imediatos sem provocar accidentes secundários. Envia-se literaturas grátis. — Rua Arco Marquês, do Algrete, 55, 1.ª — Lisboa

DANÇA LIÇÕES A HORA COM PROFESSORAS MACHADO

R. da Palma, 104-3.ª, E

MUNDO INFANTIL

Av. do Aeroporto—Palacete 35

Transporte privativo

SECÇÃO INFANTIL — Iniciação de leitura, escrita e desenho.

SECÇÃO PRIMARIA (Sexo Feminino) — Preparação para admissões nos liceus.

CONVERSAÇÃO FRANCESA NAS DUAS SECÇÕES

Vigilância médica—Alimentação racional—Ginástica—Canto coral

JÁ ABRIRAM AS AULAS

EXTERNATO MARQUESA DE ALORNA

PARA O SEXO FEMININO

Ensino primário e liceal — Cursos práticos de línguas

Transportes privativos

Aceitam-se matriculas com multa

ALAMEDA DAS LINHAS DE TORRES, 31 (Junto ao Campo Grande) — TELEF. 79-069

ROSICLER

Tem sempre novidades em vestuário para Meninos

Rua da Assunção, 71

Tel. 30290

(Junto a R. Augusta)

À VENDA EM LISBOA

KOROL

LOÇAO PROGRESSIVA

DA AOS CABELOS BRANCOS E GRISALHOS A SUA CÔR PRIMITIVA!

GARANTE-SE ABSOLUTAMENTE

EM TODAS AS BONS CASAS

D. EGAS

VINHO BRANCO DE LUXO

NOS BONS ESTABELECIMENTOS

UM PRODUCTO BORGES

EXTERNATO «INFANTA D. MARIA»

SEXO FEMININO

CURSOS PRIMÁRIOS E LICEAL COMPLETO

AV. ELIAS GARCIA, 133-135

Telefone 73977

ULTIMAS NOTICIAS DO ESTRANGEIRO AS RELÍGIAS

A GUERRA NA COREIA

É JÁ DE 110 KMS.

A PENETRAÇÃO DOS SULISTAS EM TERRITÓRIO NORTE-COREANO

TOQUIO, 4 — Forças sul-coreanas encontram-se hoje a 70 milhas para o interior da Coreia do Norte, tendo atingido um ponto a mais de meio caminho entre o paralelo 38 e o porto vital de Wonsan. — (R.).

Mais tropas americanas chegaram à Coreia

TOQUIO, 4 — Foi revelada a chegada de mais tropas americanas à Coreia. Um oficial do Estado-Maior do Q. G. do General Mac Arthur disse que a 3.ª Divisão de infantaria americana está agora no primeiro comando, na Coreia.

Anteriormente encontravam-se na Coreia seis Divisões americanas, incluindo os fuzileiros navais e parte uma Divisão aerotransportada. — (R.).

Desembarques dos fuzileiros sul-coreanos na extremidade meridional da península

TOQUIO, 4 — Os fuzileiros sul-coreanos desembarcaram em Mokpo e apoderaram-se desta cidade em 2 do corrente, deparando-se-lhes fraca resistência. Trata-se de um ponto importante na extremidade da península que a costa da Coreia forma a sua dole.

O comunicado do G. Q. G. que assinala esta conquista, informa ainda que os comunistas antes de retirarem mataram cerca de 500 civis. Anuncia também a tomada da ilha de Wando, igualmente por sulistas, na madrugada do mesmo dia.

Outros fuzileiros da mesma nacionalidade desembarcaram em Iksan e fizeram a junção com a 25.ª Divisão americana em Sungho. Estes pontos ficam na costa sul da península. — (F. P.).

A cidade de Uijongbu foi ocupada pelos fuzileiros navais americanos

TOQUIO, 4 — Comunicado n.º 525, do G. Q. G. — Elementos da 1.ª Divisão de Marinha penetraram ontem à tarde em Uijongbu, tendo encontrado fraca resistência, e unidades da Marinha sul-coreana, atacando a leste de Seul, realizaram avanços deparando-se-lhes feroz de morteiros e áspera resistência. Outras unidades no sector de Seul continuaram as suas operações de patrulhamento e empenharam-se em combate com pequenos grupos inimigos, vindos do norte e tentando infiltrar-se.

A 1.ª Divisão de cavalaria americana executou patrulhamentos ofensivos, tendo feito 194 prisioneiros. Elementos da 1.ª Divisão sulista travaram combate com uma força inimiga que procurava fugir para norte, enquanto outra unidade da mesma Divisão informava ter feito 753 prisioneiros perto de Oksangdong. Todas as unidades americanas, operando no sector do sul, prosseguiram as operações de limpeza e patrulhamentos.

A 25.ª Divisão americana fez ontem 806 prisioneiros. Uma patrulha desta Divisão, operando com a polia a sul, matou muitos inimigos e fez 6 prisioneiros num combate que durou quatro horas, em Tamyang. Elementos da 3.ª Divisão sulista atingiram Kosong, na costa oriental.

Outras unidades desta Divisão consolidaram o terreno recentemente conquistado. Nas ultimas 24 horas as forças das Nações Unidas fizeram 4.186 prisioneiros. (Kosong, citada neste co-

municado, fica a 90 quilómetros, em linha recta, a norte do paralelo 38). Por seu turno, o comunicado do Q. G. do 10.º Corpo assinala a tomada de Uijongbu pela 1.ª Divisão de Marinha, embora o inimigo opusesse resistência áspera, apoiada em tiros de artilharia e morteiros. Esclarece que as tropas aliadas entraram na cidade à tarde. A leste de Seul, no longo da estrada principal desta cidade a Chunchon, os fuzileiros sulistas continuaram o seu avanço para leste, debaixo do fogo de morteiros e armas ligeiras inimigas.

Elementos da 7.ª Divisão de infantaria — diz ainda o comunicado — mantiveram as suas posições de «barraçamentos» a sul e sudeste das «Elementos avançados do 2.º Corpo sul-coreano tomaram contacto com a 1.ª Divisão de «marines» ontem, pelas 14 horas locais, nas vizinhanças de Seul. — (F. P.).

A retirada em todas as frentes é anunciada pelo comunicado comunista

TOQUIO, 4 — A rádio de Pyongyang anunciou esta manhã que o «exercito popular» retirou em todas as frentes para cassumir novas missões.

Acrescentou, todavia, que as forças nortistas tinham repellido o inimigo, à custa de combates encarniçados, a norte de Seul. — (F. P.).

A aviação e a marinha da «ONU» estiveram activas ao norte do paralelo 38

TOQUIO, 4 — O Q. G. do general Mac Arthur informou hoje que o cruzador britânico «Ceylon», bombardeou objectivos militares na Ilha de Paengnyong, ao largo da costa ocidental da Coreia, imediatamente ao sul do paralelo 38, na segunda-feira.

Hidro-aviões «Sunderland» da R. A. F. efectuaram patrulhas regulares. «Mustangs» australianos voaram mais de mil milhas em patrulhas de reconhecimento de grande ralo de acção, na terça-feira, atravessando o paralelo para bater objectivos, no norte da Coreia, segundo informou o Exército de ocupação da Comunidade Britânica. Os pilotos australianos comunicaram terem sido «alvejados» apenas por uma peça anti-aerea norte-coreana.

Aviões da «ONU» efectuaram 249 surtidas, na terça-feira, concentrando a sua acção sobre os transportes terrestres, comunicações e ferroadas, ao norte do paralelo. — (R.).

Setecentos sul-coreanos queimados vivos ou mortos à baioneta

TOQUIO, 4 — Segundo uma notícia oficial recebida pelo Q. G. do Grupo Consultivo Militar da Coreia, 700 sul-coreanos foram «queimados vivos, fuzilados ou mortos à baioneta» pelos comunistas em retirada, em Yangpyong, 50 quilómetros a leste de Seul.

Entre as vítimas encontravam-se crianças, polícias, dirigentes da Associação Nacional da Juventude, das direitas, e outras pessoas que se opunham à política comunista.

A comunicação diz haver os negativos das fotografias des «Buchenwald» coreano. Uma testemunha afirma que assistiu às execuções. A notícia acrescenta ser extremamente difícil evitar medidas de represália dos sul-coreanos parentes das vítimas. — (R.).

Intensifica-se o tráfego no extremo norte da Coreia?

TOQUIO, 4 — Esta manhã o informador da Aviação americana deu notícia que os aviões de observação que vigiam a costa nordeste da Coreia do Norte tinham dado conta, a noite passada, de tráfego mais intenso nas linhas férreas e estradas da costa. Não esclareceu donde vinha esse tráfego, mas basta olhar para um mapa para se ver que se trata da região fronteira próxima de Vladivostok. Contudo, e segundo o mesmo informador, na costa oeste, entre a fronteira manchú e Pyongyang, nada se observava. — (F. P.).

AS RESERVAS DE OURO E DÓLARES

DA GRÃ-BRETANHA

SÃO AINDA REDUZIDAS

—disse o Ministro da Economia

LONDRES, 4. — O Ministro britânico de Estado para os Assuntos Económicos, Hugo Gaittler, declarou que as reservas da Grã-Bretanha em ouro e dólares «medidas por qualquer padrão razoável de necessidades» eram ainda «bastante reduzidas», apesar da grande melhoria recentemente registada.

Esse facto era visível «com completa clareza», disse numa conferência com banqueiros e comerciantes da cidade de Londres, durante um jantar oferecido pelo «Lord Mayor», «Sir Frederick Rowland».

«Sejam quais forem as qualificações que possam haver, não se invalida a conclusão de que necessitamos constituir reservas de um nível muito mais elevado. — (R.).

Será hoje discutida em Margate a declaração política do Partido Trabalhista

MARGATE, 4. — Na conferência anual do Partido Trabalhista britânico será hoje discutida a nova declaração política do socialismo britânico. O programa eleitoral trabalhista das próximas eleições gerais será baseado nessa declaração. É quase certo que passará a constituir a política oficial do Partido.

A declaração preconiza uma poderosa aliança defensiva das Democracias e um plano mundial de auxílio mútuo, destinado a garantir o progresso económico. Esse plano mundial seria o cooperando ao auxílio Marshall, superrando todo o Mundo livre para eliminar a pobreza, em toda a parte. Uma economia planeada é básica para essa política, especialmente fiscalização das importações e da produção.

A declaração pede, também, a expansão do comércio com a Comunidade das Colónias e Europa ocidental. «Estamos sempre dispostos, tanto quanto pudermos, a estabelecer comércio com a Europa oriental, contanto que nos seja dada a necessária cooperação» — acrescenta a declaração trabalhista. — (R.).

NA AUSTRIA

OS RUSSOS FAVORECEM OS GREVISTAS

MAS O MOVIMENTO MALOGROU-SE

(Continuação da 7.ª pág.)
cidentes. O sostegno é absoluto, sobretudo na Baixa Austria, Alta Austria e Estíria.

As autoridades apreenderam os delegados comunistas «Oesterreichische Volkstimmes» e «Wahrheits».

Estão abertos todos os estabelecimentos

Em Stadlau, suburbio de Viena no lado russo do Danubio, os grevistas marcharam para a estação do caminho de ferro, construíram barricadas e tentaram obstruir a via. A polícia expulsou-os e removeu as barricadas que tinham estabelecido na via férrea.

Esta manhã, não havia conhecimento de qualquer outro acto de violência. Parece que só foram afectadas as fábricas fiscalizadas pelos russos, na zona soviética. No resto do país, quase todas as fábricas estavam a funcionar normalmente. Em Viena, estão abertos todos os estabelecimentos.

A Federação Austriaca das «Trade Unions», que se opôs à

(Continuação da 1.ª pág.)

vou a sua vida a servir os humildes. Após a chegada, o sr. Arcebispo de Evora descerrou uma placa que dá o nome de S. João de Deus a uma das ruas da vila. Organizou-se, em seguida, um cortejo que acompanhou o carro das Relíquias até à igreja matriz. Ao longo do percurso, alinharam 900 soldados e cadetes dos cursos de oficiais e sargentos militares da Escola Prática de Artilharia, e no cortejo incorporaram-se deputações numerosas das M. P., Bombeiros Voluntários, crianças das escolas, organismos e colectividades locais, além das autoridades e de muito povo que, em coro, entoava o hino a S. João de Deus.

Frete ao templo, uma força militar prestou honras à urna que contém os restos mortais do Santo. E foi em apoteose que os milhares de fiéis se despediram das Relíquias.

A chegada a Setúbal, onde houve solene «Te-Deum»

A caminho de Setúbal, houve novas manifestações de respeito e veneração por parte das populações. E, às 13 horas, as Relíquias entraram na cidade pela rua António José Baptista, dirigindo-se o cortejo, por entre alas de povo, para o largo de Jesus. Ali, junto da igreja do mesmo nome, em altar propiciadamente erguido, foi celebrado solene «Te Deum», pelo sr. Arcebispo de Granada, cerimónia a que assistiram milhares de fiéis.

Junto do altar, tomaram lugar, além do Prelado eborense que acompanhava a urna desde a sua entrada em Evora, os sr. dr. Correia Figueira, chefe do distrito de Setúbal; dr. Miguel Bastos, presidente da Câmara local; coronel Pompeu de Sousa, comandante militar; e o tenente do Alcaide. Todas estas individualidades aguardavam o cortejo naquele largo.

Entre a multidão, que assistiu à cerimónia, viam-se as irmãs de ordem religiosa da cidade; bombeiros rapazes da M. P.; deputações de organismos e colectividades, com os seus estandartes, etc.

O rev. dr. Mécio do Carvalho profereu uma alocução em que evocou a vida e a obra de caridade do glorioso Apóstolo.

Durante o «Te Deum», a urna com as Relíquias foi colocada num plinto próximo do altar. Os sinos repicaram festivamente; os edifícios estavam profusamente embandeirados; nas janelas das casas particulares viam-se lindas colchas, reinando ambiente festivo. Terminada a cerimónia, organizou-se

RAPTO NA MORGUE A MADRID POR 12\$50
Em avião dos TAP e seguro na ULTRAMARINA

luzido cortejo a caminho de Lisboa, sendo grande o entusiasmo das populações que, de pequenas terras vizinhas do percurso, se aglomeram na estrada à passagem das Relíquias.

A grandiosa recepção à chegada a Lisboa

Às 15 horas, começou a haver grande animação nas ruas do percurso do cortejo com as Relíquias e sobretudo no Terreiro do Paço, onde estava erguida uma tribuna ladeada por dois estrados, aquela destinada ao Cardeal Legado e seu séquito e outra aos membros do Governo, Nuncio Apostólico, representantes espanhóis e outras entidades oficiais. A tribuna, coberta de panejamentos «grenats» e decorada com verduras, apresentava magnífico aspecto. Junto estavam hasteadas em mastros as bandeiras pontifícia, portuguesa, espanhola e da cidade de Lisboa.

A multidão aliada em grande número ao lado e associando-se assim, de forma muito significativa, ao grande acontecimento nacional. Começou entretanto a fazer-se a concentração dos profissionais de enfermagem que compareceram em numero de muitas centenas.

Aproveitando todos os meios de transporte, os enfermeiros, de uniformes brancos, juntaram-se nos locais previamente determinados.

Diante da tribuna de honra, tomaram lugar os componentes das delegações dos Hospitais Civis de Lisboa, do Hospital de Santo António e do Instituto Conde de Ferreira, do Porto; da Escola de Enfermagem e Hospitais de Castelo Branco; dos Hospitais Militares de Lisboa e dos serviços de Saúde da P. S. P.; da Federação de Caixas de Previdência; das Maternidades Augusto Monjardino, de Lisboa, e Julio Dinis, do Porto; das Irmãs das Pobres; das Irmãs Hospitalares Franciscanas; das Voluntárias da Secção Auxiliar Feminina da C. V.; da Escola de Enfermagem Artur Ravara e de muitos outros estabelecimentos.

Às 16 e 30 horas, quando a urna com as Relíquias foi desembarcada no Cais do Sodré, os sinos de todas as igrejas da capital repicaram festivamente. O cortejo reconstituiu-se e seguiu pela avenida Marginal até ao Terreiro do Paço, onde à hora de o nosso jornal começar a imprimir-se, o Cardeal Legado está presidindo à cerimónia da consagração, que reveste aspectos de excepcional grandiosidade.

Seguidamente, o cortejo reconstituiu-se e nele se incorporou o Cardeal Legado e outras altas dignidades, dirigindo-se então pela rua Augusta e Rossio, até à igreja de São Domingos.

O solene «Te-Deum» na igreja de S. Domingos

As 17 horas, S. Domingos, celebra-se, às 17 horas, um solene «Te-Deum». Na capela-mor, em sólos do lado do Evangelho, tomario lugar o Chefe do Estado e o sr. Cardeal-Legado, o primeiro com a sua capa militar. Seguem-se do mesmo lado e no sentido longitudinal duas filas de cadeiras para os membros do Governo. Do lado da Epistola foram dispostas cadeiras destinadas aos bispos e clero. Na capela-mor somente ficão estas entidades.

No transepto estão levantadas tribunas para o corpo diplomático e altas autoridades, uma do lado da Epistola e outra do lado do Evangelho. Nesta última ficão também as esposas do sr. Presidente da Republica e dos Ministros e Subsecretários de Estado. Junto das tribunas, no transepto, algumas cadeiras destinam-se a várias entidades convidadas.

O corpo da igreja está dividido em sectores, aos quais correspondem para o acesso os cartões de cores verde e rosa. Na parte interior do templo haverá um espaço para o público.

No transepto e capela-mor o traço a usar é o que está exigido nos cartões de convite — fraque ou uniforme com condecorações.

Entidades delegadas da comissão organizadora orientarão o serviço e a disposição dos convidados nos diversos sectores e lugares.

Fará o sermão o sr. arcebispo de Evora.

As Relíquias ficarão no templo durante a noite, veladas por diversas corporações.

Os membros do Governo serão recebidos, junto à entrada da capela-mor, pelo sr. Coronel Baptista, do Gabinete de Assuntos do Protocolo, e os do Corpo Diplomático pelo sr. Marquês de Sampaio, também do Protocolo.